



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

DIRETRIZES GERAIS DA AÇÃO PASTORAL DA IGREJA NO BRASIL 1979/1982

APRESENTAÇÃO

1. As presentes Diretrizes Gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil são fruto do processo de planejamento, assumido por ela de modo progressivo e mais sistemático a partir do apelo de João XXIII no primeiro ano de seu pontificado.
2. Resultam de um longo esforço de reflexão sobre a realidade do país, desenvolvido em todos os níveis à luz do Evangelho, desde o Plano de Emergência (1962) até os últimos planos bienais. Querem responder aos anseios do episcopado nacional, que em sua Assembléia Geral de Abril de 1979 em Itaici, SP, após rever as diretrizes vigentes desde o PPC (1966-1970) e atualizado em 1974, decidiu reformulá-las sob a inspiração das conclusões da III Conferência Geral do Episcopado latino-americano em Puebla.
3. Desejam expressar os grandes rumos que hoje deve tomar a Igreja, cumprindo sua missão de anunciar o Reino a serviço do povo de Deus. Daí a fidelidade que pretendem guardar à realidade mesma da Igreja e do povo a que esta serve.
4. Reúnem, sob a forma de um objetivo geral, os principais elementos que, como exigência de nossa missão, hão de orientar todas as atividades pastorais.
5. Em sua forma concisa, pretendem facilitar a unidade de um mesmo espírito, que em todo momento há de animar o nosso serviço eclesial.
6. Após a formulação do objetivo geral, segue-se sua concretização através das várias linhas pastorais:

I. - OBJETIVO GERAL

**7. EVANGELIZAR
A SOCIEDADE BRASILEIRA EM TRANSFORMAÇÃO
A PARTIR DA OPÇÃO PELOS POBRES
PELA LIBERTAÇÃO INTEGRAL
NUMA CRESCENTE PARTICIPAÇÃO E COMUNHÃO
VISANDO A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE FRATERNA
ANUNCIANDO ASSIM O REINO DE DEFINITIVO**

EVANGELIZAR

8. Ao proclamar a missão que o Pai lhe confiou na terra em favor dos homens, o Senhor Jesus aplicou a si, em sentido pleno, a profecia de Isaías: o Espírito do Senhor está sobre mim porque ele me ungiu para EVANGELIZAR os pobres" (Lc 4,18)¹.
9. "EVANGELIZAR" é, pois, a missão de Cristo e a razão de ser da Igreja, que impulsionada pelo mesmo Espírito, continua na história dos homens, a atuação de Cristo, o primeiro Evangelizador (cf. EN 6,75)². A Evangelização inclui toda uma riqueza de conteúdo que se foi explicitando no correr dos tempos, a partir dos diferentes apelos e situações emergentes em cada época.

10. A Igreja com sua tradição viva é testemunha e depositária do Evangelho (cf. EN 15; Puebla 224)³. Paulo VI, inspirado pela riqueza do Sínodo sobre Evangelização, recolhe todo esse tesouro e apresenta a missão de evangelizar como “um processo complexo em que há variados elementos: renovação da humanidade, testemunho, anúncio explícito, adesão do coração, entrada na comunidade, aceitação dos sinais e iniciativas do apostolado” (EN 24)⁴.

11. A palavra EVANGELIZAR, no início do objetivo geral, põe em evidência a atividade eclesial, continuação da missão de Jesus. A Igreja existe para evangelizar (cf. Puebla 4,75,85,225)⁵.

12. Para evangelizar com credibilidade, a Igreja deve evangelizar a si mesma por uma conversão constante (EN 15; P 349)⁶. Evangelizar não é missão apenas da hierarquia, mas de todo o povo de Deus que a exerce corresponsavelmente (cf. Puebla 348; 1097)⁷.

13. Na globalidade da ação evangelizadora, respeitada e promovida em toda sua riqueza, sublinham-se alguns aspectos:

- Evangelizar é **anunciar** o Reino de Deus, prolongando através dos tempos a missão de Jesus, que veio “trazer a boa nova aos pobres, anunciar aos cativos a libertação e aos cegos a restauração da vista, dar liberdade aos oprimidos, proclamar o ano da graça do Senhor” (Lc 4,18; cf. EN 8; Puebla 227)⁸.

- Evangelizar é também **denunciar** profeticamente o que se opõe à dignidade do homem e ao plano de Deus (Puebla 338, 1269)⁹.

- Evangelizar é **renovar toda a vida da sociedade**, a partir de dentro (cf. EN 18)¹⁰ não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade, e isto até às suas raízes, a cultura e as culturas do homem (cf. EN 20)¹¹, modificando, pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade (cf. EN 19)¹².

14. Evangelizar constitui assim o centro de convergência do Objetivo Geral. Com isto, se pretende significar que esse mesmo Objetivo se situa no prolongamento e é a implementação concreta de Puebla, cujo tema foi precisamente a Evangelização.

A SOCIEDADE BRASILEIRA EM TRANSFORMAÇÃO

15. Dentre as muitas transformações que a Sociedade Brasileira vem atravessando, é importante focalizar, do ponto de vista pastoral, principalmente aquelas que se processam ao nível dos valores morais e religiosos, das quais as outras são efeitos e manifestações.

16. Essas transformações se situam num momento caracterizado pelo fato de que, enquanto umas tendências atingem um certo clímax, outras começam a surgir como resposta às primeiras. As tendências que se aproximam do clímax conspiram contra uma sociedade fraterna (a). As tendências opostas constituem as forças com as quais se pode contar para a construção de uma sociedade fraterna (b).

17. a) Foi imposto à Sociedade Brasileira um tipo de desenvolvimento inspirado num modelo puramente quantitativo, orientado para o lucro, com exploração predatória dos recursos naturais. Isto mantém e até acentua uma situação estrutural de injustiça, na qual, formas de produção estão ligadas a interesses multinacionais do capital, da sociedade de consumo e do mercado de exportação.

Assim, a Sociedade Brasileira acha-se envolvida na escalada do “ter mais”, anestesiando-se aos clamores pela justiça e permitindo às pessoas, às classes sociais e às regiões mais favorecidas ficarem mais ricas à custa da pobreza crescente dos mais pobres.

b) Está se esboçando, na atualidade, um nítido questionamento do próprio tipo de desenvolvimento pela crescente conscientização crítica do consumismo e pela abertura para os valores qualitativos de novas formas de relacionamento social, baseados mais na solidariedade do que na competição. Percebe-se aí o vigor novo de um povo que se vai enucleando em suas bases comunitárias, que se vai organizando em suas múltiplas formas de associações de bairros, de classe, para defender seus direitos, para exigir a distribuição eqüitativa das quotas de sacrifício.

18. a) As Tecnocracias oficiais, a serviço de um regime autoritário, sucumbiram às urgências imediatistas e fizeram da Sociedade Brasileira uma espectadora passiva do processo e uma vítima dos graves problemas sociais engendrados pelo próprio tipo de desenvolvimento que lhe fora imposto.

b) Nota-se, hoje, um impulso novo que exige, por todos os meios, a aceitação da primazia do homem (cf. Subsídios para uma Política Social, 39) o anseio do povo de participar nas decisões que afetam seu destino (cf. idem, 62), o desejo de impor a supremacia dos valores éticos sobre o critério da eficiência imediatista, o desejo de cobrar da classe política o desempenho de sua responsabilidade representativa.

Esse desejo, cujo primeiro ímpeto desaguou em processos conflituais, empenha-se por encontrar seus caminhos para canalizar suas energias dentro dos processos de uma autêntica confrontação democrática.

19. a) Sociedade Brasileira, provocada pelos Meios de comunicação Social a serviço do consumismo, deslizou para o declive da permissividade, com a crescente deterioração da autoridade, em todos os níveis, a começar do nível familiar. A manipulação de pseudo-valores, a ostentação de formas de consumo incompatíveis com as possibilidades nacionais, a exacerbação do erotismo, geraram um perigo potencial de frustração coletiva que explode nas formas mais variadas de violência, mal contidas por uma repressão que não recua ante os processos mais ignóbeis de desrespeito à pessoa humana.

b) Já é possível observar tendências que procuram mais atingir as causas do que reprimir os efeitos, valorizando novas formas de realização humana e do uso responsável da liberdade, protestando contra a violência e a exploração do homem.

Veiculação melhor de notícias e informações revela-se como uma força de pressão para mudanças, apesar da influência dos poderes políticos e econômicos.

20. a) A Sociedade Brasileira vem admitindo, ao lado do latifúndio, as grandes empresas agro-industriais e incentivando a expansão do capitalismo agrário, com desrespeito dos direitos dos pequenos proprietários e posseiros, causa de sempre maior número de conflitos, muitos até acabando em mortes. Assiste-se à proletarização do trabalhador rural através do sistema iníquo dos "bóias-frias".

Por outro lado, a rapidez da urbanização constitui um desafio não só para uma política social adequada nesses centros decisivos para os destinos da nação, mas também para a pastoral da Igreja.

b) Cresce, porém, a consciência dos perigos criados por tal situação, ao mesmo tempo em que as bases comunitárias se articulam para a defesa de seus direitos e para a reabilitação do Estatuto da terra.

- Surgem novas formas de organização comunitária nesses centros urbanos que aprendem a superar a tentação do recurso ao paternalismo estatal. A manifestação de lideranças trabalhadoras emergentes, apesar de contarem com mecanismos sindicais ainda tutelados, revela-se como uma força capaz de registrar progressos no âmbito das justas reivindicações dos trabalhadores.

- Surgem também novas lideranças cristãs e formas de ministérios, onde se começa a ensaiar as respostas ao desafio da pastoral urbana.

21. a) O processo de urbanização e esvaziamento do campo está levando uma sociedade rural tradicional à desagregação. Deixa, assim, grande número de pessoas desorientadas ou à mercê de pseudo-valores da sociedade de consumo. Estes ficam sem meios para suscitar fé mais pessoal e mais livre que possa resistir aos efeitos negativos da mudança.

Muitas vezes, falta a atuação evangelizadora da Igreja, identificada com modelos estranhos à nossa cultura, uma resposta pastoral adequada aos problemas religiosos que angustiam nosso povo. Decorre dessa situação a força atrativa de movimentos religiosos sectários e cultos afro-brasileiros.

b) Constata-se, no entanto, o amadurecimento de tantas comunidades de base no meio popular que se tornam não somente forte apelo à revisão e à conversão na própria Igreja, mas também manifestam um esforço sensível para a transformação da sociedade. As CEBs não se reduzem a um mero fenômeno social de grupalização, mas são uma vivência religiosa de participação e comunhão.

A isto se alia um empenho crescente na educação da fé e a atuação profética de certos pastores que contribuem para transmitir nova imagem de uma Igreja de juventude e esperança.

22. a) No setor educacional, muito embora a Educação e a escolarização tenham progredido, o próprio sistema educacional ainda constitui um processo de transmissão de valores e de formação de classes privilegiadas para consolidação dos próprios privilégios. E ao mesmo tempo se observa a deformação que despersonaliza e faz da Educação uma empresa com objetivos de lucro.

b) Contudo, cresce a consciência crítica das deficiências do sistema educacional e multiplicam-se as iniciativas de educação para a justiça.

23. a) A Sociedade Brasileira está sendo cada vez mais envolvida pelo processo de secularização e o secularismo atingiu especialmente a cultura urbana. O processo trouxe uma nova ambigüidade a muitas obras da Igreja, notadamente às de natureza educacional e assistencial. Nelas a Igreja corre o risco de perder sua destinação pastoral e evangelizadora, a de ser reduzida à condição de concessionária supletiva de serviços públicos.

b) Entretanto, o processo de secularização não destruiu o substrato de religiosidade católica que permanece, especialmente, no povo humilde. Como resistência ao secularismo e ao materialismo consumista, observa-se o surgimento de uma nova busca do espiritual e do religioso, de formas de viver comunitariamente e de interpretar o sentimento religioso apesar das variadas formas de sincretismo.

A PARTIR DA OPÇÃO PELOS POBRES

24. A Igreja, chamada a continuar a missão de Jesus de evangelizar todos os homens (cf. Puebla 205; 362)¹³, vê, na opção preferencial pelos pobres, uma exigência do exemplo do divino Mestre. "O Filho de Deus demonstrou a grandeza deste compromisso no fazer-se homem, pois identificou-se com os homens tornando-se um deles, solidário com eles e assumindo a situação em que se encontram, em seu nascimento, em sua vida e, sobretudo, em sua paixão e morte, na qual chegou à expressão máxima de pobreza" (Puebla 1141)¹⁴.

"Criados à imagem e semelhança de Deus para serem seus filhos, esta imagem jaz obscurecida e também escarnecida. Por isso Deus toma sua defesa e os ama. Assim é

que os pobres são os primeiros destinatários da missão, e sua evangelização é o sinal e prova por excelência da missão” (Puebla 1142)¹⁵.

25. Ratificamos com coragem o mesmo compromisso que em nosso nome, os Bispos em Medellín e Puebla assumiram fazendo “uma clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres no intuito de sua integral libertação” (Puebla 1134)¹⁶.

Este compromisso inclui necessariamente dois aspectos:

1º Conversão de toda a Igreja

26. “Esta conversão traz consigo a exigência de um estilo de vida austero e uma total confiança no Senhor, já que na sua ação evangelizadora a Igreja contará mais com o ser e poder de Deus e de sua graça do que com o “ter mais” e o poder secular. Assim, apresentará uma imagem autenticamente pobre, aberta a Deus e ao irmão, sempre disponível onde os pobres têm capacidade real de participação e são reconhecidos pelo valor que têm” (Puebla 1158)¹⁷.

2º Libertação dos pobres

O anúncio de Jesus Cristo iluminará os pobres a respeito da própria dignidade e os levará à libertação e comunhão com o Pai e os irmãos, mediante a vivência da pobreza evangélica (cf. Puebla 1153)¹⁸. “O melhor serviço ao irmão-pobre é a evangelização que o dispõe a realizar-se como filho de Deus, o liberta das injustiças e o promove integralmente” (Puebla 1145)¹⁹.

27. O Evangelho nos deve ensinar, em face das realidades em que vivemos imersos, que não se pode, atualmente, na América Latina, amar de verdade o irmão, nem, portanto, a Deus sem que o homem se comprometa, em nível pessoal e, em muitos casos, até em nível estrutural, com o serviço e promoção dos grupos humanos e dos extratos sociais mais pobres e humilhados, arcando com todas as conseqüências que se seguem no plano destas realidades temporais (cf. Puebla 327)²⁰. Com Puebla indicamos algumas conseqüências:

- Condenamos como anti-evangélica a pobreza extrema que afeta numerosíssimos setores em nosso continente.
 - Esforçamo-nos para conhecer e denunciar os mecanismos geradores dessa pobreza.
 - Para desarraigar a pobreza e criar um mundo mais justo e fraterno, reconheceremos a solidariedade de outras igrejas e unimos os nossos esforços aos dos homens de boa vontade.
- “Apoiamos as aspirações dos operários e camponeses que querem ser tratados como homens livres e responsáveis, chamados a participar nas decisões que concernem à sua vida e futuro e animamos a todos em sua própria superação” (Puebla 1162)²¹.
- Defendemos seu direito fundamental de criar livremente organizações de defesa e promoção de seus interesses e para contribuir responsabilmente pelo bem comum.
 - Devotamos especial atenção ao problema dos agricultores, dos indígenas e da promoção da mulher (cf. Puebla 1159-1163)²².

28. É o momento de se dizer com o Santo Padre: “não é justo, não é humano, não é cristão continuar com certas situações abertamente injustas” (João Paulo II - Discurso aos Índios de Oaxaca e Chiapas).

PELA LIBERTAÇÃO INTEGRAL DO HOMEM

29. A libertação que buscamos é libertação de todos os homens e do homem todo em **Jesus Cristo**.

30. A ação evangelizadora da Igreja não visa só à libertação dos pobres, mas através dela a dos ricos. “O testemunho duma Igreja pobre pode evangelizar os ricos, que têm o

coração apegado às riquezas, convertendo-os e libertando-os desta escravidão e de seu egoísmo" (Puebla 1156)²³.

31. Entre os anseios de libertação do nosso povo, Puebla destaca:

- A igualdade de todos os cidadãos, com o direito e o dever de participar no destino da sociedade, com as mesmas oportunidades (Puebla 503)²⁴.
- O exercício de suas liberdades, amparadas em instituições fundamentais que garantam o bem comum, no respeito aos direitos das pessoas e associações (Puebla 504)²⁵;
- A legítima autodeterminação, que permita ao povo organizar-se segundo seu próprio gênio e a marcha da História, e cooperar numa nova ordem internacional (Puebla 505)²⁶, na qual as relações de dominação e dependência sejam substituídas pelas de cooperação e solidariedade.

32. A libertação integral do homem não se restringe à sua dimensão meramente temporal, mas inclui sobretudo a transcendente. Abrange portanto:

- O anúncio da Salvação em Cristo Jesus.
- A libertação do pecado, seja pessoal seja social e de tudo que transvia o homem e a sociedade e que tem sua fonte no egoísmo, no mistério da iniquidade" (Puebla 482)²⁷.
- A libertação que se realiza na história pessoal e dos povos abrangendo as várias dimensões da existência: o social, o político, o econômico, o cultural e o conjunto de suas relações (Puebla 483)²⁸.
- A libertação **para** o "crescimento progressivo no ser pela comunhão com Deus e com os homens, que culmina na perfeita comunhão do céu, onde Deus é tudo em todos" (Puebla 482)²⁹.

NUMA CRESCENTE PARTICIPAÇÃO E COMUNHÃO

33. As conclusões de Puebla insistem repetidamente que a Evangelização da América Latina, no presente e no futuro, há de se fazer num progressivo esforço de participação e comunhão.

34. A participação e comunhão hão de tomar forma concreta na sociedade civil e na Igreja. No âmbito dela, esta exigência, apesar de permanecer, em parte, uma realidade a ser conquistada, já deve encontrar sua realização onde atuam seus agentes através da liturgia, oração, testemunho, catequese, processos de educação e comunicação social e outros. A Igreja precisa também estar aberta aos outros irmãos "para o diálogo de comunhão procurando áreas de participação para o anúncio universal da salvação" (Puebla 1097)³⁰.

35. As CEBs "esperança da Igreja" (EN 58)³¹, especialmente em nosso país, e outras formas de comunhão na Igreja Particular, continuam sendo o lugar privilegiado de participação livre e responsável em comunhão fraterna, onde as pessoas se abrem, à luz da Palavra de Deus, para um novo tipo de vida mais humana e evangélica (cf. Puebla 629)³².

36. Cada comunidade eclesial deveria esforçar-se por construir para o Continente um exemplo de modo de convivência onde consigam unir-se a liberdade e a solidariedade, onde a autoridade se exerça com o espírito do Bom Pastor, onde se viva uma atitude diferente diante da riqueza, onde se ensaiem formas de organização e estruturas de participação, capazes de abrir caminho para um tipo mais humano de sociedade, e, sobretudo, onde inequivocamente se manifeste que, sem uma radical comunhão com Deus em Jesus Cristo, qualquer outra forma de comunhão puramente humana acaba se tornando incapaz de sustentar-se e termina fatalmente voltando-se contra o próprio homem.

37. A constante renovação da vida comunitária eclesial, chamada a ser sinal e sacramento da fraternidade que Cristo trouxe a todos os homens, será também um meio

dos mais eficientes para que a Igreja contribua na criação de uma nova sociedade, mais justa e mais fraterna, baseada sobre a participação de todos os cidadãos, em igualdade de condições, na decisão do destino da sociedade (cf. Puebla 503)³³.

38. É necessário criar no homem brasileiro “uma sã consciência social, um sentido evangélico crítico face à realidade, um espírito comunitário e um compromisso social” (Puebla 1308)³⁴. O desafio é imenso.

39. Muito ajudou neste sentido o esforço eclesial dos pastores que souberam ser a voz daqueles que não tinham voz nem vez.

40. Agora, porém, além de falar do pobre e pelos pobres, é preciso que estejamos unidos aos pobres.

VISANDO À CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE FRATERNA

41. Comprometidos com a evangelização a partir da opção pelos pobres, pelo caminho da participação e comunhão, há um resultado a obter: uma sociedade nova, justa e fraterna.

42. Esta sociedade nova virá ao encontro daquilo que são as aspirações dos homens de boa vontade:

- Qualidade de vida mais humana, sobretudo por sua irrenunciável dimensão religiosa, sua busca de Deus e do Reino que Cristo nos trouxe.
- Distribuição justa dos bens e das oportunidades, tendendo a abolir a distância entre o luxo desmedido e a indigência.
- Convivência social fraterna, na qual se fomentem e se tutelem os direitos humanos, e na qual as metas a alcançar se decidam pelo consenso e não pela força ou violência; nessa convivência ninguém se sinta ameaçado pela repressão, pelo terrorismo, pelos seqüestros ou pela tortura.
- Mudanças estruturais que assegurem uma situação justa para todos.
- Participação de todos na produção, partilha dos progressos da ciência e da técnica moderna (cf. 132-136).

43. Comprometendo-se com a construção de uma sociedade fraterna, a Igreja entra plenamente no desígnio de Deus, como se deu a conhecer na História do Povo Escolhido, através dos Profetas, e sobretudo em Jesus.

44. Cristo que veio para levar a Lei à plenitude (cf. Mt 5,17)³⁵, anunciando: “Bem-aventurados os pobres porque deles é o Reino dos céus” (Mt 5,3)³⁶ não os convida a instalar-se na resignação mas confirma a voz dos profetas a insistir nas exigências que nascem da lei da caridade e da justiça.

45. Cristãos que somos temos que revelar todo poder do Evangelho como força renovadora e transformadora da convivência humana

ANUNCIANDO ASSIM O REINO DEFINITIVO

46. A atuação de Jesus não só coloca a semente de uma transformação da História e da criação de uma nova sociedade, mas, introduz, de modo mais radical, a humanidade num novo relacionamento com Deus, que não se esgota na História. Jesus inaugura o Reino de Deus que é a realização integral da participação e da comunhão em toda sua dimensão.

47. Este Reino definitivo já está, em germe, presente na História, por força do mistério pascal. “No centro da História humana fica assim implantado o Reino de Deus, resplandecente na face de Jesus Ressuscitado. A justiça triunfou da injustiça dos

homens. Com Adão, principiou a História velha. Com Jesus Cristo, o novo Adão, principia a História nova.

Esta recebe o impulso indefectível que levará todos os homens, transformados em filhos de Deus, pela eficácia do Espírito, a um domínio do mundo cada dia mais perfeito, a uma comunhão entre os irmãos cada dia melhor realizada, à plenitude da comunhão e participação que constituem a própria vida de Deus” (Puebla 197)³⁷.

48. “A vida trinitária, de que Jesus Cristo nos fez participantes, somente na glória é que chegará à plenitude” (Puebla 209)³⁸. “Jesus Cristo procurou sempre a glória do Pai e consumou sua entrega a ele na cruz. Jesus é “o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8,29)³⁹. Ir ao Pai: nisto constitui o caminhar terreno de Jesus Cristo. A partir de então, ir ao Pai é o caminhar terreno da Igreja, povo de irmãos. Somente no encontro com o Pai acharemos a plenitude que seria utópico procurar no tempo” (Puebla 210)⁴⁰.

II. AS LINHAS DA AÇÃO PASTORAL

49. Na história da ação pastoral orgânica do Brasil tem-se procurado cada vez mais atingir todos os campos, grupos e pessoas.

50. Assim o PPC, apresentou o quadro das 6 linhas que abrangem e encaminham a realização do objetivo pastoral a ser alcançado.

51. No correr dos anos, dada a intensificação da vida pastoral, através da ação planejada, foram aparecendo dificuldades não só para definir exatamente o campo de cada linha devido à íntima complementaridade entre elas, mas também para localizar certas atividades.

52. Feita a revisão do PPC, elaboraram-se as *Diretrizes Gerais*”, procurando manter as seis linhas e sanar tais problemas.

53. A XVII Assembléia Geral dos Bispos, em abril de 1979, votou pela permanência das linhas pastorais, porque, além de englobarem a complexidade da ação evangelizadora, têm sido bem aceitas como quadro de referência para as atividades pastorais em seus diversos níveis.

54. A Assembléia indicou ainda que as prioridades fossem estabelecidas dentro das linhas e encarregou a CEP de potenciar a ação pastoral, à luz das Orientações de Puebla.

55. As novas Diretrizes elaboradas segundo esta determinação da Assembléia Geral, apresentam o Objetivo Geral da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, reforçando a perspectiva de opção preferencial pelos pobres, dentro do tema mais amplo da libertação integral que Jesus Cristo veio trazer aos homens de todos os tempos.

56. Tal objetivo enunciado e explicado acima, deverá ser, para cada uma das linhas, a luz em que se inspire para encontrar sua atual identidade e formular suas diretrizes próprias.

57. Em cada linha pastoral deverá ser indicado como realizar o objetivo geral em que se parte da opção preferencial pelos pobres como enfoque e atitude fundamentais.

LINHA 1: UNIDADE VISÍVEL DA IGREJA

I. IDENTIFICAÇÃO

58. A identidade básica da linha 1 é incentivar as várias vocações a viverem a unidade orgânica do povo de Deus, chamado a ser sinal eficaz da comunhão dos homens com Deus e do gênero humano entre si (Puebla 270)⁴¹.

Sua tarefa é também incentivar a vivência da comunhão e participação nos diversos níveis e estruturas da Igreja para que esta preste melhor serviço à humanidade.

II. COMO A LINHA 1 REALIZA O OBJETIVO GERAL

59. Dentro desta identificação, cada setor da linha 1 (estruturas eclesiais de comunhão e participação, ministérios, vocações e formação, vida consagrada, leigos, família, juventude, operariado e a pastoral urbana) vai procurar o sentido da opção pelos pobres e como tal perspectiva poderá se concretizar.

III. OS DIVERSOS SETORES DA LINHA

3.1. Estruturas Eclesiais de participação e comunhão

3.1.1. Identificação

60. A Igreja é convidada a revelar e fazer presente o Amor do Pai pelos homens de modo visível e adequado para cada etapa de sua História.

A preocupação deste setor é, sem absolutizá-las, descobrir as estruturas de comunhão que permitem aos pobres serem plenamente povo de Deus tornando visível no mundo de hoje o amor do Pai.

3.1.2. Algumas diretrizes

61. a) As estruturas de Igreja não somente se adaptem a uma sociedade em transformação que procura superar a marginalização, mas assumam e testemunhem os novos valores que surgem na sociedade como o diálogo, a participação, a comunhão.

b) As estruturas de Igreja devem ajudá-la a ser progressivamente o sacramento, sinal transparente, modelo vivo da comunhão do amor em Cristo para a sociedade de hoje (Puebla 272)⁴² que sente a necessidade de Autoridade-Serviço mas rejeita o autoritarismo (Puebla 273)⁴³.

c) A continuidade e o desenvolvimento das CEBs como modelos concretos de comunhão e participação sejam manifestações claras da opção pelos pobres (cf. Puebla 642-643)⁴⁴.

d) Muitos organismos de comunhão e participação como conselhos, cúrias, tribunais, precisam se aperfeiçoar com verdadeiros instrumentos de uma Igreja que se renova a partir de suas próprias aspirações e problemas e das necessidades do povo.

3.2. Ministérios

62. "Toda Igreja é chamada para evangelizar; no seu grêmio, porém existem diferentes tarefas evangelizadoras que não de ser desempenhadas. Tal diversidade de serviços na unidade da mesma missão é que constitui a riqueza e a beleza da Evangelização" (EN 66)⁴⁵. Estes serviços são assumidos por ministros ordenados e ministros não ordenados.

3.2.1. Ministérios Ordenados

a) Identificação

63. O ministério ordenado nos seus três graus (Episcopado, Presbiterato, Diaconato) tem peculiar responsabilidade pela comunhão da Igreja, pela dinamização de sua ação pastoral e pela sua missão profética, formando assim o sinal sacramental de Cristo Cabeça.

b) Algumas diretrizes

64. a) Conscientes do caráter evangelizador e missionário da tarefa pastoral, os pastores, Bispos e presbíteros, sejam incentivados a crescer sempre mais na simplicidade e pobreza, na compreensão mútua e, na vida de equipe, na aproximação ao povo para trabalhar com ele, e no exercício do diálogo e da corresponsabilidade (Puebla 666)⁴⁶.

b) Para ser princípio de comunhão e unidade, dentro de sua Igreja Particular, o Bispo, ele mesmo, esteja em comunhão com o Colégio dos Bispos e seu chefe, o Papa, como sucessor dos Doze.

Analogamente o Presbitério realize, em cada Igreja Particular, a dimensão colegial do ministério ordenado (cf. Puebla 259)⁴⁷.

c) "A missão e função do diácono não se devem avaliar com critérios meramente pragmáticos, por estas ou aquelas ações que poderiam ser exercidas por ministros não ordenados (EN 73)⁴⁸ ou por qualquer batizado; nem tão pouco como solução para a escassez numérica de presbíteros (LG 29)⁴⁹ que afeta a América Latina. A conveniência do diácono se depreende da sua contribuição eficaz para melhor cumprimento da missão salvífica da Igreja (AG 16)⁵⁰, graças a uma atenção mais adequada à tarefa evangelizadora" (Puebla 698)⁵¹.

3.2.2. Ministérios Não-Ordenados

a) Identificação

65. Numa realidade de Igreja Comunidade, suscitados pelo Espírito Santo, há ministérios diversos de serviço aos irmãos na fé e à comunidade humana, a serem exercidos por leigos capazes de rejuvenescerem e reforçarem o dinamismo evangelizador da Igreja (Puebla 813)⁵².

Essa capacidade não inclui a necessidade de erudição, mas também entre os pobres há a sabedoria de Deus e seus dons.

b) Algumas diretrizes

66. a) A comunidade é uma realidade anterior à dos ministérios. Deve ela, pois, fornecer critérios para o discernimento, evolução e exercício dos mesmos (cf. Puebla 816)⁵³.

b) É na realidade concreta de cada Igreja Particular, num clima de crescente participação e comunhão, que se promoverão as novas formas de serviço e se descubram os que têm carismas para prestar estes serviços ao Povo de Deus, respeitando a natureza específica da vocação leiga como tal: transformação do mundo secular (Puebla 815)⁵⁴.

c) "No exercício de ministérios por parte de alguns leigos não se pode diminuir a participação ativa dos demais" (Puebla 817)⁵⁵.

d) Ministérios de coordenação, exercidos, nos diversos níveis da ação pastoral, por agentes de evangelização, ordenados ou não, originados na experiência de participação e comunhão, instrumento criativo de organicidade pastoral, merecem aprofundamento muito sério e rejuvenescimento.

3. Vocações e formação

3.1. Identificação

67. A grande responsabilidade do setor é ajudar cristãos ciosos de sua identidade, abertos para Deus, para a Comunidade Cristã e para o mundo, no discernimento e desenvolvimento de seu carisma para o posto e função a que são chamados a serviço dos irmãos (Puebla 864)⁵⁶.

3.2. Algumas diretrizes

68. a) "A Pastoral Vocacional, por ser uma ação evangelizadora e orientada para a evangelização, missão da Igreja, deve ser encarnada e diversificada. Deve responder, a partir da fé, aos problemas concretos de cada nação e região e refletir a unidade e variedade de funções a serviço deste corpo diversificado, cuja Cabeça é Cristo" (Puebla 863)⁵⁷;

b) No Brasil, onde as Igrejas Particulares não possuem número suficiente de presbíteros diocesanos, é prioritário o serviço de uma pastoral vocacional específica para o presbitério, a qual se desenvolva sobretudo nas comunidades de jovens.

c) Para se tornar princípio gerador de comunhão na Igreja de hoje, na formação dos chamados ao ministério presbiteral, levem-se em conta: a diversificação especializada que exige a sociedade urbano-industrial; uma visão crítica sobre o recente fenômeno do aumento expressivo das vocações; a necessidade de uma preparação sempre mais voltada à realidade, integrada na vida da Igreja Particular e comprometida com a vida do povo (cf. Puebla 871)⁵⁸.

d) Para os ministérios exercidos por leigos, a Comunidade toda se comprometa não só na escolha, mas igualmente na formação e no desenvolvimento de suas lideranças. Igualmente para os ministérios ordenados, caminhe-se para uma participação maior da comunidade para a escolha e formação.

4. Vida Consagrada

4.1. Identificação

69. Compete ao setor, acompanhar a caminhada da Vida Consagrada voltada para a comunhão e participação (cf. Puebla 721)⁵⁹ e promover a inserção da mesma na vida e pastoral da Igreja. Compete ainda ao setor incentivar os religiosos e membros dos Institutos Seculares a "assumirem o compromisso preferencial pelos pobres", a partir de seu projeto de vida consagrada, e a "ocuparem na Igreja Particular, os postos de vanguarda evangelizadora, em comunhão fiel com seus pastores e com sua comunidade, e na fidelidade ao seu carisma fundacional" (cf. Puebla 770-771)⁶⁰.

4.2. Algumas diretrizes

70. Respeitando a vida interna dos Institutos de Vida Consagrada, o setor, em colaboração com os Superiores Maiores, com a Conferência dos Religiosos do Brasil e com a Conferência dos Institutos Seculares, no âmbito das respectivas competências, ajudará para que se realizem as seguintes diretrizes (cf. Puebla 758)⁶¹.

a) "A Comunhão fraterna vivida em todas as suas exigências, a que são convocados os consagrados, é o sinal do amor transformador que o Espírito infunde em seus corações, mais forte que os laços da carne e do sangue" (Puebla 752)⁶². Em vista disto é necessário fomentar nas comunidades a fraternidade, favorecendo em seu interior as relações interpessoais que ensejem a integração e conduzam a maior comunhão e melhor colaboração na missão" (Puebla 764)⁶³.

b) Cuide-se da revisão permanente das obras e atividades, para que respondam cada vez melhor à justa abertura pastoral e às exigências de uma evangelização, a partir da opção pelos pobres.

Sinal e testemunho desta abertura continuam sendo os religiosos que trabalham em zonas marginais e difíceis, o que já não supõe somente desprendimento interior e a austeridade comunitária, mas também solidariedade, partilha e, em certos casos, convivência com o pobre e marginalizado (Puebla 733-734)⁶⁴.

c) Incentivem-se os Institutos de vida consagrada a inserir-se cada vez mais na pastoral de conjunto local, contribuindo com seu próprio carisma vocacional para a vitalidade daquela Igreja Particular (cf. Puebla 736)⁶⁵.

d) Diante das condições de vida no mundo de hoje, e das necessidades das Igrejas Particulares, suscitem-se e sejam acompanhadas novas formas de vida consagrada no mundo para, inclusive, animar a ação evangelizadora nessas Igrejas.

5. Leigos

5.1. Identificação

71. "Membro da Igreja, o leigo, fiel a Cristo, acha-se comprometido na construção do Reino em sua dimensão temporal" (Puebla 787)⁶⁶. Por isso o setor promove sua atuação no ordenar as realidades temporais para pô-las a serviço da instauração do Reino de Deus (cf. Puebla 789)⁶⁷.

5.2. Algumas diretrizes

72. a) Sejam os leigos incentivados a tomar mais consciência de sua missão transformadora do mundo, atendendo especialmente à sua dimensão social e política (cf. Puebla 791-792)⁶⁸.

b) A presença dos leigos na pastoral orgânica e dentro dela, através dos movimentos, favoreça o seu engajamento eficaz no social.

c) O reconhecimento dos desafios de nossa realidade sócio-econômico-política leve os leigos, como Povo de Deus, à luz do Evangelho, a efetuar a opção preferencial pelos pobres, no intuito de integral libertação destes últimos (cf. Puebla 1134)⁶⁹.

d) "À medida que cresce a participação dos leigos na vida da Igreja e na missão desta no mundo, torna-se também mais urgente a necessidade de sua sólida formação humana em geral, formação doutrinal, social e apostólica" (P 794)⁷⁰. Dentro do espírito de Puebla, essa formação realiza-se sobretudo a partir da ação e da caminhada histórica do Povo de Deus.

e) Deve-se buscar uma espiritualidade mais apropriada à sua condição, não fugindo o leigo das realidades temporais, antes reconhecendo e proclamando o valor salvífico nelas contido (cf. Puebla 797-798)⁷¹.

f) Ao exercício da missão do leigo compete a necessária autonomia, afastando-se a possibilidade de manipulação e clericalização. Saliente-se esta necessidade sobretudo quanto a não conduzir a ação dos leigos no âmbito meramente intra-ecclesial, sob a forma de ministérios leigos ou não.

g) Na sua prática, o leigo se esforce para, em permanente e respeitoso diálogo com seus irmãos não católicos e não crentes, efetuar o reconhecimento de verdadeiro conteúdo eclesial das sementes do Verbo contidas nas práticas e na vida destes irmãos.

h) A participação do laicato no planejamento pastoral atenda à necessária corresponsabilidade a nível não apenas de execução como no nível de decisão (cf. Puebla 808)⁷². Deveria ser este o papel da Comissão Nacional de Pastoral e de seus correspondentes nos outros níveis.

i) A organização dos leigos seja favorecida e agilizada em todos os níveis, citando-se por exemplo, a sua articulação em nível nacional pelo Conselho Nacional dos Leigos.

6. Família

6.1. Identificação

73. A Pastoral da Família “procura caminhos para que os casais e as famílias possam progredir na sua vocação ao amor e em sua missão de formar pessoas, educar na fé e contribuir para o desenvolvimento” (Puebla 594)⁷³. Esta pastoral “está intimamente relacionada com a **Pastoral Social**: no trabalho pela criação de estruturas e ambientes que tornam possível a vida em família...” (Puebla 598)⁷⁴. Diante da situação de pobreza em que vivem a maioria das famílias brasileiras devido às estruturas injustas que condicionam a sua vida, a **Pastoral da Família** procura atingir estas causas bem como preocupar-se prioritariamente com as famílias das classes mais pobres em vez de localizar-se quase exclusivamente na classe média, explicitando assim a opção preferencial pelos pobres.

6.2. Algumas diretrizes

74. a) “Em toda pastoral familiar deverá considerar-se a família como sujeito e agente insubstituível de evangelização e como base da comunhão da sociedade” (Puebla 602)⁷⁵.

b) Para evitar o fechamento das famílias sobre si - sobretudo nos movimentos familiares – a pastoral da família seja inserida na pastoral orgânica que visa à libertação integral do homem.

c) A ação pastoral leve as famílias a se conscientizarem das causas de seus males que muitas vezes estão fora da família, no contexto social injusto e opressor.

d) As famílias sejam encorajadas a viver o diálogo, a igualdade entre homem e mulher, a paternidade responsável, a simplicidade no relacionamento entre pais e filhos; valores estes tão estimados pelo homem de hoje.

e) Procure-se conhecer melhor e fortalecer a influência que têm sobre a família as comunidades eclesiais de base e grupos de reflexão, uma vez que as famílias pobres, que são a maioria no Brasil, são pouco atingidas pelas formas existentes de pastoral familiar.

f) É necessário buscar caminhos pastorais para acolher e acompanhar evangelicamente as famílias incompletas.

7. Juventude

7.1. Identificação

75. a) O jovem tornou-se opção para a Pastoral Latino Americana, não apenas como um grupo de pessoas de tal idade cronológica, e como uma atitude frente à vida, mas também por constituir maioria da população pobre.

b) Levando-se em conta o que caracteriza a juventude (cf. Puebla 1168)⁷⁶ tudo o que são suas aspirações (cf. Puebla 1168), a grande responsabilidade do setor é “desenvolver, de acordo com a pastoral diferencial e orgânica, uma pastoral de juventude que leve em conta a realidade social dos jovens... atenta ao aprofundamento e crescimento da fé para a comunhão com Deus e os homens; oriente a opção vocacional dos jovens; lhes ofereça elementos para se converterem em fatores de transformação e lhes proporcione canais eficazes para a participação ativa na Igreja e na transformação da sociedade” (Puebla 1187)⁷⁷.

7.2. Algumas diretrizes

76. a) O trabalho pastoral com os jovens se situa dentro da História do Povo de Deus e da caminhada histórica da juventude que hoje se rearticula, a partir do seu meio social, para buscar novos caminhos de libertação.

b) A pastoral da juventude deve:

- Ajudar os jovens, principalmente das bases populares, a tomar consciência de sua marginalização pelas estruturas sociais desagregadoras.
- Propiciar aos jovens condições de se formarem, a partir do meio social, na ação transformadora da sociedade, no presente e no futuro.

c) Um projeto de pastoral de juventude levará em conta a caminhada histórica da juventude, no meio do Povo de Deus. Trata-se de definir um caminho para realizar, adequada e progressivamente, a opção preferencial pelos jovens.

d) A pastoral da juventude deve tornar-se, pois, um serviço ao desenvolvimento e à articulação das experiências mais significativas, isto é:

- As experiências que vem sendo coordenadas e assumidas pelos próprios jovens.
- As experiências que estão preocupadas em levar em conta o meio social.
- As experiências que revelam uma opção preferencial pelas bases populares.
- As experiências que anunciam o Cristo Libertador e uma libertação integral.

8. Operários

8.1. Identificação

77. Na sociedade brasileira em transformação, em via de industrialização e de mecanização, o mundo operário, construtor do progresso, produtor dos bens e serviços, quer aproveitar “o direito que tem de criar livremente suas organizações para defender, promover seus interesses e responder responsabilmente para o bem comum” (João Paulo II aos Operários de Monterey).

8.2. Algumas diretrizes

78. O setor quer responsabilizar-se pela presença efetiva da Igreja dentro deste contexto, afirmando a necessidade de:

- a) Dar apoio às iniciativas de pastoral operária para atingir o trabalhador e sua família nos seus diferentes ambientes de vida.
- b) Atender aos operários, dando-lhes prova de confiança e apoiando-os na justa luta que, juntamente com seus companheiros, cristãos ou não, empreendem pela libertação da classe operária.
- c) Proporcionar condições para que os leigos engajados no Movimento Operário possam crescer na fé e na formação social, econômica e política.
- d) Favorecer a criação, em todos os níveis, de assessoria de leigos engajados na vida e na luta operária com a finalidade de ajudar a Igreja:
 - No justo conhecimento das situações concretas e complexas vividas pelos operários e no discernimento da oportunidade e do conteúdo de suas intervenções públicas a respeito.

9. Pastoral Urbana

9.1. Identificação

79. “A América Latina continuará mantendo um ritmo acelerado de aumento da população e de concentração nas cidades grandes” (Puebla 127)⁷⁸.

O fato de a cidade funcionar como um todo orgânico constitui um desafio para o planejamento pastoral. A cidade é o lugar por excelência da especialização ao serviço do todo e exige uma revisão das estruturas pastorais herdadas duma situação rural.

9.2. Algumas diretrizes

80. O esforço da Pastoral Urbana se encontra em:

- a) Descobrir e apoiar as iniciativas existentes nas cidades, oriundas do povo, tendentes a humanizar este todo orgânico.
- b) “Traçar critérios e caminhos, baseados na experiência e na imaginação, para uma pastoral da cidade onde se encontram em gestação os novos modos de cultura” (Puebla 441)⁷⁹.
- c) A partir da realidade da vida da cidade procurar os elementos de resposta ao desafio que constitui a vasta interdependência inconsciente, para torná-la lugar de colaboração consciente dos homens no amor.

LINHA 2: AÇÃO E ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA LV 23

I. IDENTIFICAÇÃO

81. Por sua própria definição, a Linha 2 tem como tarefas:

- a) **Animar o Povo de Deus** para que descubra e assuma sua vocação e responsabilidade missionária.
- b) **Orientar o Povo de Deus** no cumprimento desta sua responsabilidade, com uma presença evangelizadora nas situações e regiões missionárias dentro e fora do País.

II. COMO A LINHA 2 REALIZA O OBJETIVO GERAL

82.1. Puebla apontou as responsabilidades missionárias do Povo de Deus da América Latina, descrevendo três tarefas fundamentais:

- a) A evangelização das “regiões missionárias” (cf. Puebla 173, 647, 655, 702, 712 e também a Nota ao n.6 de AG)⁸⁰.
- b) A evangelização das “situações missionárias” (cf. Puebla 365 e 366)⁸¹.
- c) O compromisso de uma presença na atividade missionária “Ad Gentes”, e na comunhão inter-ecclesial universal (Puebla 363, 368, 369)⁸².

2. Nestes três campos a Igreja no Brasil é chamada a descobrir os “mais pobres”, que mais urgentemente necessitam de uma presença missionária.

- a) Reconhecendo a existência de regiões que necessitam de recursos humanos e materiais” para chegar a uma vida eclesial auto-suficiente, o Episcopado Brasileiro assumiu o compromisso de uma presença evangelizadora que vise uma autêntica comunhão, através de uma participação mais equitativa de todos os bens (cf. resoluções da XV e XVII Ass. dos Bispos do Brasil).
- b) Entre as “situações missionárias” que exigem uma presença fraterna, Puebla aponta nossos indígenas, habitualmente marginalizados quanto aos bens da sociedade”, os afro-brasileiros tantas vezes esquecidos”, os migrantes, as massas em precária situação de fé, etc.: exemplos evidentes de “pobres” que, dentro da opção pastoral assumida pela Igreja do Brasil, exigem uma atuação missionária da Linha 2.

c) Puebla declara também que devemos “dar de nossa pobreza” projetando-nos *ad gentes*, além de nossas fronteiras (Puebla 368)⁸³. E aponta as riquezas espirituais que podemos compartilhar com os irmãos de outros continentes.

Assumindo estas tarefas, a Linha 2 concretiza a opção pelos pobres, indicada no objetivo geral de suas diretrizes.

III. ALGUMAS DIRETRIZES

83. Para o desenvolvimento da ação pastoral, neste campo é importante:

- a) Promover a animação missionária do Brasil, nas duas dimensões, interna e externa, através da preparação e divulgação de subsídios, visitas, participação em encontros, organização da Campanha Missionária de outubro (PPOOMM).
- b) Acompanhar as atuações das Igrejas locais nas regiões missionárias em sua caminhada rumo à autonomia em recursos humanos e materiais.
- c) Orientar os institutos e movimentos missionários existentes no país para que, no respeito de sua identidade específica, insiram sua atuação na Igreja local.
- d) Articular o recrutamento, a preparação, a assistência, o acompanhamento dos missionários, nacionais e estrangeiros.
- e) Promover a reflexão sistemática sobre a problemática afro-brasileira, em vista de orientações pastorais adequadas neste setor.
- f) Coordenar o intercâmbio de experiências e bibliografia pastoral com as Igrejas da África, visando estabelecer programas de ajuda África-Brasil.
- g) Incentivar o conhecimento e aprofundamento da realidade indígena em vista de uma pastoral adequada.
- h) Incentivar e orientar a atualização e formação contínua dos agentes de pastoral nas regiões missionárias.
- i) Estudar e aprofundar as experiências do programa “Igrejas-Irmãs” abrindo pistas para uma atuação eficaz do mesmo.
- j) Estudar e acompanhar as “situações missionárias do Brasil”, visando uma presença pastoral mais sistemática e organizada nestes setores.
- l) Acompanhar as minorias étnicas estrangeiras não cristãs, para uma presença evangelizadora no meio delas.
- m) Orientar os MCS na sensibilização missionária.

LINHA 3: CATEQUESE

I. IDENTIFICAÇÃO

84. A Catequese, dentro do processo global da evangelização, procura “promover a educação ordenada, progressiva e permanente da fé” (Sínodo da Catequese, 12), explicitando o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, que compartilha a vida do seu povo; anuncia e realiza o Reino; funda a Igreja; está vivo, presente e atuante na História dos homens e da Igreja (Puebla 176-177)⁸⁴.

Dimensões da Pastoral Catequética:

85. a) **Dimensão pessoal e permanente** - A catequese procura desenvolver um processo pessoal permanente de conversão a Cristo e de maturação da fé (Puebla 998)⁸⁵.

Este processo deve ser permanente, porque o homem, como ser histórico, inacabado, nesta vida terrena, nunca está plenamente convertido à Palavra de Deus, que suscita nele a fé.

b) **Dimensão comunitária** - A maturação da fé se processa em nível de pessoa e de comunidade eclesial. É na comunidade de Igreja que a fé vive, se expressa e amadurece (Puebla 373)⁸⁶.

A catequese promove a educação da fé, a partir da comunidade – que é a sua origem; na comunidade – que é o seu lugar; em função da comunidade – que é a sua meta.

c) **Dimensão missionária** – A catequese desperta preocupação, solicitude e atitudes de abertura para com outros irmãos, outras comunidades cristãs e ambientes humanos carentes da ação evangelizadora.

d) **Dimensão integradora** – A catequese busca unir: o conhecimento da Palavra de Deus, a celebração da fé nos sacramentos e a confissão da fé na vida cotidiana (Sínodo de Catequese, 11; Puebla 999)⁸⁷. Toma como fonte principal a Sagrada Escritura, lida no contexto da vida, à luz da Tradição viva e do Magistério da Igreja (Puebla 1001)⁸⁸.

Orienta o cristão para a vida no Espírito, com a formação para a oração e a liturgia e para o testemunho cristão. Procura integrar entre si as comunidades que catequizam, a saber: a família, as comunidades eclesiais de base, a paróquia, a escola, os movimentos e outros grupos, sempre referentes à própria Igreja Particular e à Igreja Universal (Sínodo de Catequese, 12; Puebla 1011)⁸⁹.

e) **Dimensão histórica** – Na fidelidade à encarnação de Cristo Jesus, a Catequese deve despertar o compromisso com a construção do mundo temporal e a libertação integral.

II. COMO A LINHA 3 REALIZA O OBJETIVO GERAL

86. Na situação atual da sociedade brasileira a catequese procurará:

a) Descobrir, a partir da opção pelos pobres, princípios e critérios para uma pedagogia da fé, baseada nas situações reais do povo, iluminadas pela Sagrada Escritura, a Tradição viva e o Magistério da Igreja, aproveitando os métodos educativos que favoreçam a participação.

b) Orientar com preferência pelos pobres os serviços e recursos educativos da Igreja, em vista de uma crescente participação e comunhão.

c) Despertar eficazmente novas formas de compromisso sério, especialmente no campo da justiça (Sínodo da Catequese, 10).

III. ALGUMAS DIRETRIZES

3.1. A catequese:

87. a) Procure garantir no cristão a fidelidade a Jesus Cristo, Palavra de Deus encarnada; à Igreja, por ele fundada; e ao homem, por ele assumido e redimido para se tornar filho de Deus.

b) No contexto do mundo pluralista de hoje, onde se veiculam vários tipos ideais de homem (cf. Puebla 307-315)⁹⁰, promova a visão cristã do homem, o “homem novo” (2Cor 5,17; EN 18; Puebla 306, 322, 333, 1308)⁹¹.

- c) Pelo discernimento evangélico, dom do Espírito Santo (1Cor 12,9)⁹², capacite o homem de fé a interpretar a vida, interpelar sobre a problemática das situações humanas e intervir na construção da História.
- d) Leve ao compromisso da liberdade do homem e da sociedade, visando à formação na ação de agentes para a mudança permanente e orgânica exigida pela sociedade, expressão externa da conversão interior (cf. Puebla 1221)⁹³.
- e) Descubra e forme agentes de evangelização e catequese, saídos das comunidades e a serviço das mesmas e dos ambientes carentes da ação pastoral da Igreja (cf. Puebla 987)⁹⁴.
- f) Aprofunde o significado do ensino religioso nas escolas, para que toda escola seja uma comunidade evangelizadora.

3.2. A ação catequética precisa:

- 88. a) Penetrar, assumir e purificar os valores da cultura (cf. Puebla 996)⁹⁵, valorizar os elementos positivos da religiosidade popular e diferenciar-se na sua pedagogia, de acordo com as exigências da fé dos seus destinatários, suas faixas etárias, suas vocações humano-cristãs, seus ambientes de vida e profissão.
- b) Conscientizar para uma comunhão criando unidade entre catequese sacramental e vivencial, catequese doutrinal e da situação, em vista da construção da comunidade.
- c) Levar à participação todos os membros da comunidade eclesial de tal maneira que a Igreja seja constantemente evangelizada e evangelizadora.
- d) Valorizar o método de reflexão das CEBs, reflexão da realidade à luz do Evangelho, como uma das formas mais adequadas da educação da fé.
- e) Dar importância na linguagem catequética às técnicas audio-visuais, imagens, desenho, canto, dramatização etc.

LITURGIA

I. IDENTIFICAÇÃO DA LINHA

89. A linha 4:

- a) Promove condições para que a **Liturgia**, cume e fonte da vida da Igreja, seja celebrada nas comunidades eclesiais dos vários níveis, com participação sempre mais ativa, consciente e frutuosa de todos os membros do Povo de Deus.
- b) Atende à **piedade popular** em suas manifestações, valorizando-as enquanto expressão de fé autêntica ou susceptível de espírito cristão.
- c) Fomenta a **oração particular** como oração pessoal, familiar, grupal e comunitária.

II. COMO A LINHA 4 REALIZA O OBJETIVO GERAL

90. A linha 4 realiza o objetivo geral:

- a) Promovendo através da vivência litúrgica, integrada pela piedade popular e pela oração particular, melhores condições para que Cristo, presente, na Liturgia, por seu mistério pascal, assuma e liberte o Povo de Deus e por ele a humanidade e sua História, marcada por tantas injustiças, e leve progressivamente à comunhão dos homens entre si e com Deus.

b) Fazendo com que a Liturgia seja acessível ao Povo de Deus, sobretudo aos mais simples e pobres, a fim de que ela seja um momento forte de evangelização transformadora do mundo. Para tanto deverá ser adaptada mais radicalmente, tornando-se mais popular. Só assim os mais simples serão atingidos no íntimo de sua existência, e sua resposta de fé será expressão genuína da pessoa e da comunidade concretas.

III. ALGUMAS DIRETRIZES

91. **1. A Liturgia seja o momento privilegiado da comunhão e participação** para uma evangelização que conduza à libertação cristã integral, autêntica. A oração particular e a piedade popular, presentes na alma de nosso povo, constituem valores de evangelização.

2. É necessário que toda a renovação da Liturgia seja orientada por uma autêntica teologia litúrgica.

Por Cristo, no Espírito Santo, o Pai santifica a Igreja e por ela, o mundo; ambos por Cristo no Espírito Santo dão glória ao Pai (Puebla 917)⁹⁶. Nesse duplo movimento de santificação dos homens e glorificação de Deus, a Liturgia é o exercício do múnus sacerdotal do Cristo total, Cabeça e membros. A Liturgia é, por Cristo, Filho e Irmão, o momento privilegiado de comunhão com o Pai e os irmãos, no Espírito Santo.

Cume e fonte da vida da Igreja, particularmente na Eucaristia, a Liturgia é a festa da comunhão eclesial (Puebla 939)⁹⁷. Nela, o Senhor Jesus, morto e ressuscitado, por seu mistério pascal, assume e liberta o Povo de Deus e, por meio dele, a humanidade toda e sua História, convertendo-a em história da Salvação a fim de reconciliar e levar à plenitude da comunhão os homens entre si e com Deus. Assim, a Liturgia é a força do peregrinar, a fim de levar a termo, mediante o compromisso transformador da vida, a realização plena do Reino, conforme o plano divino (Puebla 726)⁹⁸.

3. A Liturgia se expresse numa “linguagem total”.

Na Liturgia a intercomunicação de Deus com os homens e dos homens entre si e com Deus, acontece por uma linguagem total, feita de palavras, gestos atitudes, cantos objetos, num conjunto de sinais e símbolos (Puebla 940)⁹⁹, que exigem também uma sadia e adequada adaptação às manifestações culturais e religiosas do povo que celebra (Puebla 920)¹⁰⁰.

Os sinais têm função importante em toda ação litúrgica. As adaptações previstas na “Sacrosanctum Concilium” e nas normas pastorais posteriores, inclusive dos Rituais, são indispensáveis para se obter um rito adequado, sobretudo na linguagem fácil e inteligível, às legítimas necessidades e expressões culturais particularmente do povo simples (Puebla 926; Doc. Ass. CNBB-1979, 22, 14, 4)¹⁰¹.

4. A Liturgia esteja no centro da vida e ação pastoral da Igreja.

A Liturgia não esgota toda atividade da Igreja (SC 9)¹⁰². As expressões da oração particular e da piedade popular, de alguma forma derivam dela e a ela conduzem (Puebla 934)¹⁰³.

Nenhuma atividade eclesial se realize sem alguma referência à liturgia (Puebla 927)¹⁰⁴. Deve-se dar à Liturgia a sua verdadeira dimensão de ápice e fonte da atividade da Igreja (Puebla 918; SC 10)¹⁰⁵. As celebrações supõem a iniciação na fé, por meio do anúncio evangelizador, da catequese, da pregação; possuem uma projeção evangelizadora nas diferentes assembléias dos fiéis, como sejam grupos populares, crianças, jovens... (SC 19)¹⁰⁶ chamados todos a uma participação consciente, ativa e frutuosa (Puebla 927)¹⁰⁷; e, finalmente, devem levar a um compromisso de transformação da vida pessoal, eclesial e social (Puebla 939; Doc. Ass. CNBB-1979, 22, 14, 2)¹⁰⁸.

5. É urgente a formação litúrgica.

Dada a prioridade que a pastoral litúrgica ocupa dentro da pastoral de conjunto, é urgente a formação litúrgica dos atuais e futuros presidentes e agentes de pastoral, assim como de todo Povo de Deus, tanto no conhecimento como na maneira mesma de celebrar.

6. É importante favorecer a mútua fecundação entre a liturgia e a piedade popular (Puebla 465)¹⁰⁹

As manifestações de fé próprias da piedade popular constituem, de maneira geral, um valor autêntico. Deve-se estudá-las, compreendê-las, valorizá-las purificando-as do que tivessem de menos exato, delas partindo para uma evangelização proveitosa e enriquecendo-as com elementos próprios da Liturgia e descobrindo nelas elementos que possam ser assumidos pela própria Liturgia.

De maneira particular, não se perca de vista a direção cristocêntrica e comunitário-ecclesial que a reforma e renovação promoveram.

7. A Liturgia e a oração particular devem se enriquecer mutuamente.

A vida toda dos fiéis seja uma oblação espiritual a Deus. Encontrem nas diversas manifestações da oração particular, sua orientação profunda para a liturgia, descobrindo nela fontes de inspiração.

LINHA 5: ECUMENISMO E DIÁLOGO RELIGIOSO

I. IDENTIFICAÇÃO

92. Cabe à Linha 5 estimular o espírito de serviço à causa da unidade de todos os cristãos, e a atitude do diálogo religioso com outros grupos humanos.

A Igreja é chamada a evangelizar a sociedade brasileira, numa atitude de diálogo com todos os grupos humanos: com os irmãos de outras Igrejas e comunidades cristãs, com os seguidores de outras religiões e com os adeptos de concepções de vida ainda fechadas ao Divino.

O diálogo com todos estes grupos visa o conhecimento, enriquecimento e auxílio mútuos, e uma ação conjunta em favor da construção de uma sociedade fraterna (ver o documento sobre o diálogo, publicado pelo Secr. para os não crentes, 28 de agosto de 1968; SEDOC, Vol. 1 fasc. 6, dez. de 1968, 797/806).

O ecumenismo e o diálogo religioso têm em comum estes objetivos. Mas o ecumenismo, de um modo particular, visa a unidade que o Senhor quer como essencial para a sua Igreja. A unidade da Igreja há de servir, como sinal e instrumento, à unidade do gênero humano, dividido pelo pecado.

Finalmente a Linha 5 tem consciência de que a dimensão ecumênica como a abertura para o diálogo com o mundo não-cristão e da não-crença são mais um espírito que deve penetrar todos os projetos e dimensões da vida da Igreja, do que um setor de atividades próprias (UR e Puebla 896, 1127)¹¹⁰.

II. COMO A LINHA 5 REALIZA O OBJETIVO GERAL

2.1. Incentiva uma atitude fraterna

93. Os católicos devem aprender a assumir uma atitude verdadeiramente fraterna em relação a todas as outras Igrejas, ainda que numericamente menos expressivas.

Para uma Igreja majoritária não é fácil admitir, na prática, que outros cristãos ofereçam sua contribuição para a evangelização da sociedade brasileira e que grupos de outras concepções de vida participem na construção de uma sociedade fraterna.

2.2. Promove uma opção preferencial pelos pobres

A Igreja que se propõe evangelizar a sociedade brasileira, a partir da opção preferencial pelos pobres, prestará, no exercício do ecumenismo e do diálogo religioso, especial atenção:

a) Ao testemunho comum com outros cristãos, com “não-cristãos” e com “não-crentes”, em favor da dignidade humana, em defesa dos marginalizados através do futuro Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE), como também por meio de colaboração de não-católicos em atividades do C.I.M.I., da Comissão de Pastoral da Terra, do Grupo de Trabalho para uma pastoral “afro-brasileira”, e outros.

b) A certos fatos, como sejam: – o ecumenismo que está acontecendo em grupos populares (p. ex. CEBs, grupos de oração, bíblicos, associações de bairro); – o evangelismo nos meios pobres (várias formas de pentecostalismo, “movimentos religiosos livres” ou seitas); – formas populares de espiritismo e de cultos afro-brasileiros, formas populares de sincretismo (Puebla 1102)¹¹¹.

III. ALGUMAS DIRETRIZES

3.1. Para o ecumenismo é importante

94. a) Preocupar-se constantemente com a informação e a formação ecumênicas dos católicos. Com efeito, a tarefa ecumênica, urgente no dizer do Papa João Paulo II (ver discurso de 6 de outubro, de 17 de out. de 1978, e de 17 de jan. de 1979), ainda não ocupa o lugar que deve ter em nossa pastoral.

b) Insistir na conscientização dos cristãos a respeito da unidade existente (p. ex. a mesma Palavra de Deus, o mandamento da caridade, a oração). Apesar da divisão, existe uma unidade fundamental entre os que crêem em Cristo e foram devidamente batizados (UR 3)¹¹². É importante partir desta verdade, fundamento de todo diálogo ecumênico.

c) Promover o ecumenismo espiritual, que consiste na conversão do coração e na oração pela unidade, alma de toda ação ecumênica (UR 6 e 8)¹¹³.

95. 3.2. Para o diálogo com outras religiões é indispensável

1. Procurar o diálogo religioso com judeus, grupos de muçulmanos, adeptos das grandes religiões orientais, antigas e novas.

2. Em vista da situação brasileira, buscar e abrir, com certa urgência, o diálogo religioso com várias formas do espiritismo e cultos afro-brasileiros.

3.3. Para o diálogo com “não-crentes” a Igreja se preocupe em:

96. Ajudar a tomar consciência da realidade e extensão do fenômeno da não-crença, com vistas à purificação da fé e vida dos que crêem, e a uma colaboração em verdadeira paz, para a edificação do mundo (Puebla 1126)¹¹⁴. Em relação ao fenômeno da não-crença, Puebla observa que ele é bastante freqüente nos ambientes universitários, em meios juvenis e operários (Puebla 1106)¹¹⁵.

LINHA 6: PRESENÇA DA IGREJA NO MUNDO

I. IDENTIFICAÇÃO

97. No interior da Evangelização, tarefa de todo o corpo eclesial, compete à Linha 6 implementar a dimensão social do compromisso cristão de transformar a sociedade pelo fermento evangélico.

A Igreja realiza esta ação transformadora, por meio da pesquisa e reflexão, da ação social e de diversas atividades educativas através de vários organismos e setores específicos (CERIS, IBRADES, CARITAS, MEB, AEC, COMISSÕES de Justiça e Paz, Migrações e turismo, MCS...) e grupos eclesiais de base, cujos serviços concretizam em vários campos a ação pela justiça e a promoção da dignidade humana.

II. COMO A LINHA 6 REALIZA O OBJETIVO GERAL

98. O compromisso da Igreja com a promoção integral do homem, segundo o modelo pré-figurado em Cristo Libertador, que se fez pobre e se colocou ao serviço dos irmãos (cf. Mc 10,45)¹¹⁶, é parte integrante de sua missão evangelizadora e exigência irrenunciável do reconhecimento da divindade da pessoa humana conforme o Plano de Deus (cf. Puebla 304ss e 1254ss)¹¹⁷.

A fim de responder aos apelos de um povo que desperta para aquela promoção que é seu direito, a Igreja deve intensificar a conscientização sobre as exigências sociais e políticas da fé cristã e usar todos os meios a seu alcance, na busca de uma eficácia maior de sua atuação ao serviço dos homens.

Consciente de que a edificação da sociedade é tarefa de todos os homens, numa perspectiva legítima de pluralismo, a Igreja estimula o diálogo e a cooperação entre os diversos grupos sociais (cf. Puebla 1206ss)¹¹⁸.

A Igreja cuidará particularmente de elaborar, com a participação dos interessados, normas de conduta e alternativas diversas para a renovação cristã das estruturas sociais. Promoverá a formação de pessoas e grupos capazes de exercer uma liderança na evangelização do meio social em que vivem.

A Igreja dará prioridade aos programas e projetos que visam o apoio a iniciativas populares e a promoção dos direitos dos mais pobres, marginalizados ou oprimidos (cf. Puebla 1217, 1229, 1238 1161, 1164)¹¹⁹.

A Igreja quer respeitar o valor de formas tradicionais do povo viver a fé católica e de procurar soluções para seus problemas sócio-econômicos e políticos. Quer superar prevenções apriorísticas contra a chamada "ignorância" do povo e pretende estabelecer diálogo em nível alto, para enriquecimento mútuo, entre a hierarquia e agentes de pastoral e as tradições populares.

III. OS DIVERSOS SETORES DA LINHA 6

3.1. Ação Social

a) Identificação

99. O setor "Ação Social" tem como objetivo aprofundar a consciência das responsabilidades da Igreja no campo social e promover a realização de atividades que visem:

- A promoção da justiça social e a defesa dos direitos humanos.
- A promoção das pessoas e classes marginalizadas através de instrumentos que permitam sua organização e participação ativa na sociedade e reconhecimento de sua dignidade e direitos.

- A prestação de assistência às pessoas que se encontrem em estado de necessidade, especialmente em situações de emergência.
- O testemunho da presença da Igreja nos problemas gerados pelas migrações internas, imigrações limítrofes, emigrações de brasileiros, grupos étnicos minoritários, refugiados políticos e outras formas de mobilidade espacial humana.
- Apoio a organizações autenticamente populares.

b) Algumas diretrizes:

100. A preocupação com a ação social levará a Igreja a:

- a) Realizar pesquisas e levantamentos de dados, divulgando-os através de publicações, encontros e cursos visando ao maior conhecimento da realidade social, em ordem à ação pela justiça e à transformação da sociedade segundo um ideal de inspiração evangélica.
- b) Desenvolver a reflexão e conscientização acerca da responsabilidade social dos cristãos e da dimensão social da fé, comunicando essa reflexão às comunidades eclesiais através de subsídios, encontros...
- c) Estimular, assessorar e coordenar os organismos eclesiais que, em nível local, regional e nacional operam de forma permanente para a promoção dos marginalizados e a assistência aos necessitados (cf. Puebla 478)¹²⁰.
- d) Promover o acompanhamento, a revisão permanente e o estudo crítico das obras sociais da Igreja.
- e) Estimular estudos e iniciativas em favor das pessoas em mobilidade, especialmente dos mais carentes e necessitados.
- f) Reconhecer, apoiar as iniciativas dos operários e camponeses no sentido de criarem autônoma e livremente suas organizações de defesa e promoção (cf. Puebla 1163)¹²¹.

3.2. Educação

a) Identificação

101. Toda a ação da Igreja no seu esforço para transmitir a mensagem cristã é educadora. Assim, quando a Igreja evangeliza e alcança a conversão do homem, também o educa (cf. Puebla 1031)¹²².

O setor "Educação", porém, embora em conexão com o objetivo geral da Evangelização e com o setor que se ocupa diretamente com a "educação da fé", trabalha no campo da educação em geral, como dimensão fundamental da edificação da sociedade, abrangendo os dois aspectos da educação sistemática (escolas) e assistemáticas.

b) Algumas diretrizes:

102. Na ação pastoral, no campo da educação, a envidará esforços para:

- a) "Promover o educador cristão, especialmente o leigo, para que assuma a sua pertença e posição na Igreja, como chamado a participar da sua missão evangelizadora no campo da educação" (Puebla 1042)¹²³.
- b) Promover reflexão crítica sobre a função social da educação e sua prática efetiva visando fazer que não seja mera decorrência ou reprodução de um sistema sócio-econômico de inspiração materialista e procurando criar novas condições culturais e sociais que possibilitem a realização de uma sociedade participativa e fraterna.

c) Buscar os meios de realizar o programa traçado pelo Sínodo dos Bispos de 1971, apoiando os esforços no sentido de desenvolver e aperfeiçoar a metodologia de educação para a justiça.

d) Estimular as instituições católicas a continuar a refletir e a prosseguir em ações concretas destinadas a promover uma educação integral, evangelizadora e libertadora, que vise ao pleno crescimento da pessoa e à sua inserção ativa na comunidade, numa perspectiva crítica e de transformação da cultura e da sociedade (cf. Puebla 1026-1030)¹²⁴.

e) Suscitar, apoiar e assumir iniciativas no campo da educação de base, caminhando especialmente com os grupos mais marginalizados no sentido de contribuir para que eles se conscientizem, assumam seus direitos e deveres e criem espaços de verdadeira participação em todos os níveis.

f) Promover todas as formas de educação, mesmo informal que possam revitalizar a cultura popular e seus valores de inspiração cristã (cf. Puebla 1047)¹²⁵.

g) Criar espaços para a manifestação de grupos e movimentos populares que lutam por seus direitos e por interesses populares e nacionais.

3.3. Comunicação Social

a) Identificação

103. Sendo a Igreja comunicação e esta um processo vital do homem (cf. Puebla 1064)¹²⁶, o setor de Comunicação Social tem por objetivo:

- Despertar a consciência para a prática de comunhão entre os membros da Igreja.
- Suscitar e coordenar iniciativas que contribuem para tornar os MCS instrumentos de evangelização e fatores de comunhão, expansão e democratização da cultura, informação não manipulada e convivência social mais justa e fraterna (cf. Puebla 1063-1064)¹²⁷, despertando uma atitude crítica e participativa dos cristãos face aos MCS e dentro deles.

b) Algumas diretrizes:

104. Será importante para a atividade da Igreja na Comunicação Social:

a) Fomentar, em todos os níveis, a consciência do fenômeno da comunicação interpessoal e inter-grupal, em vista a uma maior comunhão e participação.

b) Contribuir para que se organize ou dinamize o Setor de Comunicação Social em todos os níveis, especialmente regional e diocesano, como elemento integrante da Pastoral Orgânica que lhe sirva de expressão, apoio e desenvolvimento.

c) Contribuir para preparar os agentes de pastoral para utilização eficaz do MCS pequenos e grandes “afim de que se adaptem as respostas pastorais a esta nova realidade e se integre a comunicação na pastoral de conjunto” (Puebla 1083)¹²⁸.

Com esta finalidade, cuidar da formação para a comunicação em todos os níveis eclesiais e da instituição de departamentos ou organismos especializados, prestando especial atenção e solicitando colaboração dos profissionais (cf. Puebla 1085)¹²⁹.

d) Contribuir para “educar o público receptor para que tenha uma atitude crítica perante o impacto das mensagens ideológicas, culturais e publicitárias, que nos bombardeiam continuamente, com o fim de neutralizar os efeitos negativos da manipulação e massificação” (Puebla 1088)¹³⁰.

- e) Contribuir para a elaboração de uma linguagem e de técnicas apropriadas para a comunicação da mensagem da Igreja aos homens de hoje (cf. Puebla 1091)¹³¹.
- f) Contribuir para formar especialmente nos jovens o sentido crítico face aos MCS.
- g) Contribuir para que a Igreja, especialmente através dos meios de comunicação próprios, seja sempre mais a voz dos pobres e desamparados, que não têm voz, visando superar a situação de marginalização a que estão condenados e promovendo o respeito dos direitos humanos fundamentais (cf. Puebla 1094)¹³².
- h) Contribuir para que a Igreja realize não só a Pastoral “dos” MCS, mas também a Pastoral “nos” MCS.

Brasília, 27 de setembro de 1979

Nota:1

Lc 4,18: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos”.

Nota:2

cf. **EN 6,75:** “6. O testemunho que o Senhor dá de si mesmo e que São Lucas recolheu no seu Evangelho – ‘Eu devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus’ – tem, sem dúvida nenhuma, uma grande importância, porque define, numa frase apenas, toda a missão de Jesus: ‘Para isso é que fui enviado’. Estas palavras assumem o seu significado pleno se se confrontam com os versículos anteriores, nos quais Cristo tinha aplicado a si próprio as palavras do profeta Isaías: ‘O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me conferiu a unção; a anunciar a Boa Nova aos pobres me enviou’.

Andar de cidade em cidade a proclamar, sobretudo aos mais pobres, e muitas vezes os mais bem dispostos para o acolher, o alegre anúncio da realização das promessas e da aliança feitas por Deus, tal é a missão para a qual Jesus declara ter sido enviado pelo Pai. E todos os aspectos do seu mistério – a começar da própria encarnação, passando pelos milagres, pela doutrina, pela convocação dos discípulos e pela escolha e envio dos doze, pela cruz, até a ressurreição e à permanência da sua presença no meio dos seus – fazem parte da sua atividade evangelizadora.

75. Nunca será possível haver evangelização sem a ação do Espírito Santo. Sobre Jesus de Nazaré, esse Espírito desceu no momento do batismo, ao mesmo tempo que a voz do Pai – ‘Este é o meu Filho no qual ponho as minhas complacências’ – manifestava de maneira sensível a eleição e a missão do mesmo Jesus.

Depois, foi ‘conduzido pelo Espírito’ que ele viveu no deserto o combate decisivo e superou a última prova antes de começar essa sua missão. Foi ‘com a potência do Espírito’, ainda, que Jesus voltou para a Galiléia e inaugurou a sua pregação, aplicando a si próprio a passagem de Isaías, ‘o Espírito do Senhor está sobre mim’. ‘Cumpru-se hoje – acrescentou ele – esta passagem da Escritura’. E aos discípulos que estava prestes a enviar, disse soprando ao mesmo tempo sobre eles: ‘Recebei o Espírito Santo’.

Realmente, não foi senão depois da vinda do Espírito Santo, no dia do Pentecostes, que os apóstolos partiram para todas as partes do mundo a fim de começarem a grande obra da evangelização da Igreja; e Pedro explica o acontecimento como sendo a realização da profecia de Joel: ‘Eu efundirei o meu Espírito’. E o mesmo Pedro é cheio do Espírito Santo para falar ao povo acerca de Jesus Filho de Deus. Mais tarde, Paulo, também ele é cheio do Espírito Santo antes de se entregar ao seu ministério apostólico, e do mesmo modo Estevão, quando foi escolhido para a diaconia e algum tempo depois para o testemunho do martírio. O Espírito que impele Pedro, Paulo, ou os doze a falarem inspira-lhes as palavras que eles devem proferir e desce também ‘sobre todos os que ouviam a sua palavra’.

Repleta do ‘conforto do Espírito Santo’, a Igreja ‘ia crescendo’. Ele é a alma desta mesma Igreja. É ele que faz com que os fiéis possam entender os ensinamentos de Jesus e o seu mistério. Ele é aquele que, hoje ainda, como nos inícios da Igreja, age em cada um dos evangelizadores que se deixa possuir e conduzir por ele, e põe na sua boca as palavras que ele sozinho não poderia encontrar, ao mesmo tempo que predispõe a alma daqueles que escutam a fim de a tornar aberta e acolhedora para a Boa Nova e para o reino anunciado.

As técnicas da evangelização são boas, obviamente; mas, ainda as mais aperfeiçoadas não poderiam substituir a ação discreta do Espírito Santo. A preparação mais apurada do evangelizador nada faz sem ele. De igual modo, a dialética mais convincente, sem ele, permanece impotente em relação ao espírito dos homens. E, ainda, os mais bem elaborados esquemas com base sociológica e psicológica, sem ele, em breve se demonstram desprovidos de valor.

Nós vivemos na Igreja um momento privilegiado do Espírito. Procura-se por toda parte conhecê-lo melhor, tal como a Escritura o revela. De bom grado as pessoas se colocam sob a sua moção. Fazem-se assembleias em torno dele. Aspira-se, enfim, a deixar-se conduzir por ele. É um fato que o Espírito de Deus tem um lugar eminente em toda a vida da Igreja; mas, é na missão evangelizadora da mesma Igreja que ele mais age. Não foi por puro acaso que a grande renovada para a evangelização sucedeu na manhã do Pentecostes, sob a inspiração do Espírito.

Pode-se dizer que o Espírito Santo é o agente principal da evangelização: é ele, efetivamente que impele para anunciar o Evangelho, como é ele que nos mais íntimo das consciências leva a aceitar a Palavra da salvação. Mas pode-se dizer igualmente que ele é o termo da evangelização: de fato, somente ele suscita a nova criação, a humanidade nova que a evangelização há de ter como objetivo, com a unidade na variedade que a mesma evangelização intenta promover na comunidade cristã. Através dele, do Espírito Santo, o Evangelho penetra no

coração do mundo, porque é ele que faz discernir os sinais dos tempos - os sinais de Deus - que a evangelização descobre e valoriza no interior da história.

O Sínodo dos Bispos de 1974, que insistiu muito sobre a importância do Espírito Santo na evangelização, exprimiu também o voto de que Pastores e teólogos - e nós acrescentaremos ainda os fiéis marcados com o selo do Espírito pelo batismo - estudem melhor a natureza e os modos da ação do Espírito Santo na evangelização, em nossos dias. Fazemos nosso também este voto, ao mesmo tempo que exortamos os evangelizadores, sejam eles quem forem, a pedir sem cessar ao Espírito Santo fé e fervor, bem como a se deixarem prudentemente guiar por ele, qual inspirador decisivo dos seus planos, das suas iniciativas e da sua atividade evangelizadora”.

Nota:3

cf. **EN 15**: “Quem quer que releia no Novo Testamento as origens da Igreja e queira acompanhar passo a passo a sua história e, enfim, a examine em sua vida e ação, verá que ela se acha vinculada à evangelização naquilo que ela tem de mais íntimo.

A Igreja nasce da ação evangelizadora de Jesus e dos doze. Ela é o fruto normal, querido, o mais imediato e o mais visível dessa evangelização: “Ide, pois, ensinai todas as gentes”. Ora “aqueles que acolheram a Palavra foram batizados, e naquele dia agregaram-se a eles umas três mil pessoas... E o Senhor ia aumentando todos os dias os que eram salvos”.

Nascida da missão, pois, a Igreja é por sua vez enviada por Jesus, a Igreja fica no mundo quando o Senhor da glória volta para o Pai. Ela fica aí como um sinal, a um tempo opaco e luminoso, de uma nova presença de Jesus, sacramento da sua partida e da sua permanência. Ela prolonga-o e continua-o. Ora, é exatamente toda a sua missão e a sua condição de evangelizador, antes de mais nada, que ela é chamada a continuar. A comunidade dos cristãos, realmente, nunca é algo fechado sobre si mesmo. Nela, a vida íntima –vida de oração, ouvir a Palavra e o ensino dos apóstolos, caridade fraterna vivida e fração do pão– não adquire todo o seu sentido senão quando ela se torna testemunha, a provocar a admiração e a conversão e se desenvolve na pregação e no anúncio da Boa Nova. Assim, é a Igreja toda que recebe a missão de evangelizar, e a atividade de cada um é importante para o todo.

Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma. Comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno, ela tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo que ela deve acreditar, as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor. Povo de Deus imerso no mundo, e não raro tentado pelos ídolos, ela precisa ouvir, incessantemente, proclamar as grandes obras de Deus, que a converteram para o Senhor; precisa sempre ser convocada e reunida de novo por ele. É o mesmo que dizer, numa palavra, que ela tem sempre necessidade de ser evangelizada, se quiser conservar vigor, alento e força para anunciar o Evangelho. O Concílio Vaticano II recordou e depois o Sínodo de 1974 retomou com vigor este mesmo tema: a Igreja que se evangeliza por uma conversão e uma renovação constantes, a fim de evangelizar o mundo com credibilidade.

A Igreja é depositária da Boa Nova que há de ser anunciada. As promessas da nova aliança em Jesus Cristo, os ensinamentos do Senhor e dos apóstolos, a Palavra da vida, as fontes da graça e da benignidade de Deus, o caminho da salvação, tudo isso lhe foi confiado. É o conteúdo do Evangelho e, por conseguinte, da evangelização, que ela guarda como um depósito vivo e precioso, não para manter escondido, mas sim para o comunicar.

Enviada e evangelizadora, a Igreja envia também ela própria evangelizadores. É ela que coloca em seus lábios a Palavra que salva, que lhes explica a mensagem de que ela mesma é depositária, que lhes confere o mandato que ela própria recebeu e que, enfim, os envia a pregar. E a pregar, não as suas próprias pessoas ou as suas idéias pessoais, mas sim um Evangelho do qual nem eles nem ela são senhores e proprietários absolutos, para dele disporem a seu bel-prazer, mas de que são os ministros para o transmitir com a máxima fidelidade”.

Puebla, 224: “Mas a Igreja é também depositária e transmissora do Evangelho. Prolonga na terra, fiel à lei da encarnação visível, a presença e a ação evangelizadora de Cristo. Com ele, vive a Igreja para evangelizar. Esta é sua felicidade e vocação peculiar proclamar aos homens a pessoa e a mensagem de Jesus”.

Nota:4

EN 24: “Finalmente, aquele que foi evangelizado, por sua vez, evangeliza. Está nisso o teste de verdade, a pedra-de-toque da evangelização: não se pode conceber uma pessoa que tenha acolhido a Palavra e se tenha entregado ao reino sem se tornar alguém que testemunha e, por seu turno, anuncia essa Palavra.

Ao terminar estas considerações sobre o sentido da evangelização, importa formular uma última observação, que consideramos esclarecedora para as reflexões que se seguem.

A evangelização, por tudo o que dissemos é uma diligência complexa, em que há variados elementos: renovação da humanidade, testemunho, anúncio explícito, adesão do coração, entrada na comunidade, aceitação dos sinais e iniciativas de apostolado.

Estes elementos, na aparência, podem afigurar-se contrastantes. Na realidade, porém, eles são complementares e reciprocamente enriquecedores uns dos outros. É necessário encarar sempre cada um deles na sua integração com os demais. Um dos méritos do recente Sínodo foi precisamente o de nos ter repetido constantemente o convite para unificar estes mesmos elementos, e não fazer com que se oponham entre si, a fim de se ter a plena compreensão da atividade evangelizadora da Igreja.

É esta visão global que nós intentamos apresentar seguidamente, examinando o conteúdo da evangelização, os meios para evangelizar e precisando a quem se destina o anúncio evangélico e a quem é que incumbe hoje esta tarefa de evangelizar”.

Nota:5

cf. **Puebla 4,75,85,225**: “4. A evangelização é a missão própria da Igreja. A história da Igreja é, fundamentalmente, a história da evangelização de um povo que vive em constante gestação, nasce e se enxerta na existência secular das nações. A Igreja, ao encarnar-se, contribui vitalmente para o nascimento das nacionalidades e imprime-lhes profundamente um caráter particular. A evangelização está nas origens deste Novo Mundo que é a AL. A Igreja faz-se presença nas raízes e na atualidade do Continente. Quer servir, dentro do quadro da realização de sua missão própria, ao melhor porvir dos povos latino-americanos, à sua libertação e crescimento em todas as dimensões da vida. Medellín já lembrava as palavras de Paulo VI sobre a vocação da

AL: “Unificar, em uma síntese nova e genial, o antigo e o moderno, o espiritual e o temporal, o que os outros nos legaram e nossa própria originalidade” (Med. Intr. 1).

75. Estas são as grandes perguntas que nos fazemos a nós mesmos, como pastores e a que trataremos de responder, a seguir, tendo presente que a missão fundamental da Igreja é evangelizar, aqui e agora, com os olhos voltados para o futuro.

85. Desde a I Conferência Geral do Episcopado, realizada no Rio de Janeiro, em 1955, e que deu origem ao Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM), e, ainda com mais vigor, depois do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín, a Igreja tem conquistado paulatinamente a consciência cada vez mais clara e profunda de que a evangelização é sua missão fundamental e de que não é possível o seu cumprimento sem que se faça o esforço permanente para reconhecer a realidade e adaptar a mensagem cristã ao homem de hoje, dinâmica, atraente e convincentemente.

225. Esta Igreja é uma só: a que foi edificada sobre Pedro e que o próprio Senhor denomina “minha Igreja” (Mt 16,18). Só na Igreja católica é que ocorre a plenitude dos meios de salvação, legados por Jesus aos homens, mediante os apóstolos. Temos, por isso, o dever de proclamar a excelência de nossa vocação à Igreja Católica”.

Nota:6

EN 15: “Quem quer que releia no Novo Testamento as origens da Igreja e queira acompanhar passo a passo a sua história e, enfim, a examine em sua vida e ação, verá que ela se acha vinculada à evangelização naquilo que ela tem de mais íntimo.

A Igreja nasce da ação evangelizadora de Jesus e dos doze. Ela é o fruto normal, querido, o mais imediato e o mais visível dessa evangelização: “Ide, pois, ensinai todas as gentes”.

Ora “aqueles que acolheram a Palavra foram batizados, e naquele dia agregaram-se a eles umas três mil pessoas... E o Senhor ia aumentando todos os dias os que eram salvos”.

Nascida da missão, pois, a Igreja é por sua vez enviada por Jesus, a Igreja fica no mundo quando o Senhor da glória volta para o Pai. Ela fica aí como um sinal, a um tempo opaco e luminoso, de uma nova presença de Jesus, sacramento da sua partida e da sua permanência. Ela prolonga-o e continua-o. Ora, é exatamente toda a sua missão e a sua condição de evangelizador, antes de mais nada, que ela é chamada a continuar. A comunidade dos cristãos, realmente, nunca é algo fechado sobre si mesmo. Nela, a vida íntima –vida de oração, ouvir a Palavra e o ensino dos apóstolos, caridade fraterna vivida e fração do pão– não adquire todo o seu sentido senão quando ela se torna testemunha, provoca a admiração, a conversão e se desenvolve na pregação e no anúncio da Boa Nova. Assim, é a Igreja toda que recebe a missão de evangelizar, e a atividade de cada um é importante para o todo.

Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma. Comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno, ela tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo que ela deve acreditar, as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor. Povo de Deus imerso no mundo, e não raro tentado pelos ídolos, ela precisa ouvir, incessantemente, proclamar as grandes obras de Deus, que a converteram para o Senhor; precisa sempre ser convocada e reunida de novo por ele. É o mesmo que dizer, numa palavra, que ela tem sempre necessidade de ser evangelizada, se quiser conservar vigor, alento e força para anunciar o Evangelho. O Concílio Vaticano II recordou e depois o Sínodo de 1974 retomou com vigor este mesmo tema: a Igreja que se evangeliza por uma conversão e uma renovação constantes, a fim de evangelizar o mundo com credibilidade.

A Igreja é depositária da Boa Nova que há de ser anunciada. As promessas da nova aliança em Jesus Cristo, os ensinamentos do Senhor e dos apóstolos, a Palavra da vida, as fontes da graça e da benignidade de Deus, o caminho da salvação, tudo isso lhe foi confiado. É o conteúdo do Evangelho e, por conseguinte, da evangelização, que ela guarda como um depósito vivo e precioso, não para manter escondido, mas sim para o comunicar.

Enviada e evangelizadora, a Igreja envia também ela própria evangelizadores. É ela que coloca em seus lábios a Palavra que salva, que lhes explica a mensagem de que ela mesma é depositária, que lhes confere o mandato que ela própria recebeu e que, enfim, os envia a pregar. E a pregar, não as suas próprias pessoas ou as suas idéias pessoais, mas sim um Evangelho do qual nem eles nem ela são senhores e proprietários absolutos, para dele disporem a seu bel-prazer, mas de que são os ministros para o transmitir com a máxima fidelidade”.

Puebla, 349: “A Igreja converte-se cada dia à palavra da verdade. Segue pelos caminhos da história a Cristo encarnado, morto e ressuscitado e faz-se seguidora do Evangelho para transmiti-lo aos homens, com plena fidelidade”.

Nota:7

cf. **Puebla, 348; 1097:** “348. A missão evangelizadora é de todo o Povo de Deus. Esta é sua vocação primordial, sua identidade mais profunda. É a sua felicidade. O Povo de Deus com todos os seus membros, instituições e planos existe para evangelizar. O dinamismo do Espírito de Pentecostes anima-o e envia-o a todos os povos. Nossas Igrejas particulares hão de escutar, com renovado entusiasmo, o mandato do Senhor: Ide, pois, e fazei discípulos meus todos os povos (Mt 28,19).

1097. A evangelização goza duma universalidade sem fronteiras: Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura (Mc 16,15). A Igreja, depositária da Boa Nova e evangelizadora, começa evangelizando-se a si mesma. Este mandato do Senhor, do qual são depositários todos os cristãos, é motivo para um esforço comum, impulsionado pelo Espírito Santo, para dar testemunho de nossa esperança diante de todos os povos. Face à responsabilidade da evangelização, a Igreja Católica abre-se para um diálogo de comunhão, procurando áreas de participação para o anúncio universal da salvação”.

Nota:8

Lc 4,18: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos”.

cf. **EN 8:** “Como evangelizador, Cristo anuncia em primeiro lugar um reino, o reino de Deus, de tal maneira importante que, em comparação com ele, tudo o mais passa a ser o resto, que é dado por acréscimo. Só o reino, por conseguinte, é absoluto, e faz com que se torne relativo tudo o mais que não se identifica com ele. O Senhor comprazer-se-ia em descrever, sob muitíssimas formas diversas: a felicidade de fazer parte deste reino, felicidade paradoxal, feita de coisas que o mundo aborrece; as exigências do reino e a sua carta magna; os

arautos do reino; os seus mistérios; os seus filhos; a vigilância e a fidelidade que se exigem daqueles que esperam o seu advento definitivo”.

Puebla 227: “Por isso é que a Igreja recebeu por missão anunciar e instaurar o Reino em todos os povos. Ela é o sinal do Reino. Nela se manifesta de modo visível o que Deus está realizando silenciosamente, no mundo inteiro. É o lugar onde se concentra ao máximo a ação do Pai, que, na força do Espírito de amor, busca solícito os homens para partilhar com eles em gesto de ternura inexprimível a sua própria vida trinitária. A Igreja é também o instrumento que introduz o Reino entre os homens, para conduzi-los à sua meta definitiva”.

Nota:9

Puebla 338, 1269: “338. A Igreja tem obrigação de pôr em relevo este aspecto integral da evangelização, primeiro pela constante revisão de sua própria vida e depois pelo anúncio fiel e pela denúncia profética. Para que tudo isso se faça de acordo com o espírito de Cristo, devemos exercitar-nos no discernimento das situações e dos chamados concretos que o Senhor faz em cada tempo. Isto exige atitude de conversão e de abertura e um sério compromisso com aquilo que foi reconhecido como autenticamente evangélico.

1269. Em face da situação de pecado, surge por parte da Igreja o dever de denúncia, que deve ser objetiva, denodada e evangélica; que não intenta condenar, mas sim salvar o culpado e a vítima. Tal denúncia, feita após entendimento prévio entre os pastores, requer a solidariedade interna da Igreja e o exercício da colegialidade”.

Nota:10

cf. **EN 18:** “Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade: Eis que faço novas todas as coisas. No entanto não haverá humanidade nova, se não houver em primeiro lugar homens novos, pela novidade do batismo e da vida segundo o Evangelho. A finalidade da evangelização, portanto, é precisamente esta mudança interior; e se fosse necessário traduzir isso em breves termos o mais exato seria dizer que a Igreja evangeliza quando, unicamente firmada na potência divina da mensagem que proclama, ela procura converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles se aplicam, e a vida e o meio concreto que lhes são próprios”.

Nota:11

cf. **EN 20:** “Poder-se-ia exprimir tudo isto dizendo: importa *evangelizar - não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até às suas raízes* - a cultura e as culturas do homem, no sentido pleno e amplo que estes termos têm na Constituição *Gaudium et Spes*, a partir sempre da pessoa e fazendo continuamente apelo para as relações das pessoas entre si e com Deus.

O Evangelho, e conseqüentemente a evangelização, não se identificam por certo com a cultura, e são independentes em relação a todas as culturas. E no entanto, o reino que o Evangelho anuncia é vivido por homens profundamente ligados a uma determinada cultura, e a edificação do reino não pode deixar de servir-se de elementos da cultura e das culturas humanas. O Evangelho e a evangelização independentes em relação às culturas, não são necessariamente incompatíveis com elas, mas suscetíveis de as impregnar a todas sem se escravizar a nenhuma delas.

A ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas. Assim, importa envidar todos os esforços no sentido de uma generosa evangelização da cultura, ou mais exatamente das culturas. Estas devem ser regeneradas mediante o impacto da Boa Nova. Mas um tal encontro não virá a dar-se se a Boa Nova não for proclamada”.

Nota:12

cf. **EN 19:** “Estratos da humanidade que se transformam: para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a *modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade*, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação”.

Nota:13

cf. **Puebla 205; 362:** “205. Jesus Cristo, Salvador dos homens, difunde seu Espírito sobre todos, sem acepção de pessoas. Quem, ao evangelizar, exclui de seu amor ainda que seja uma única pessoa, não possui o Espírito de Cristo. Por isso a ação apostólica tem de compreender a todos os homens, destinados a se tornarem filhos de Deus.

362. A evangelização tem de calar fundo no coração do homem e dos povos. Por isso sua dinâmica procura a conversão pessoal e a transformação social. A evangelização há de estender-se a todos os povos; por isso sua dinâmica procura a universalidade do gênero humano. Ambos estes aspectos são de atualidade para evangelizar hoje e amanhã a América Latina”.

Nota:14

Puebla, 1141: “O compromisso evangélico da Igreja, como disse o papa, deve ser como o de Cristo: um compromisso com os mais necessitados (cf. Lc 4,18-21; Discurso Inaugural, III, 3). Por conseguinte, a Igreja deve ter os olhos em Cristo quando se pergunta qual há de ser a sua ação evangelizadora. *O Filho de Deus demonstrou a grandeza deste compromisso ao fazer-se homem, pois identificou-se com os homens tornando-se um deles, solidário com eles e assumindo a situação em que se encontram, em seu nascimento, em sua vida e, sobretudo, em sua paixão e morte, na qual chegou à expressão máxima da pobreza*”.

Nota:15

Puebla, 1142: “Só por este motivo, os pobres merecem uma atenção preferencial, seja qual for a situação moral ou pessoal em que se encontrem. Criados à imagem e semelhança de Deus para serem seus filhos, esta imagem jaz obscurecida e também escarnecida. Por isso Deus toma sua defesa e os ama. Assim é que os *pobres são os primeiros destinatários da missão* e sua evangelização é o sinal e prova por excelência da missão de Jesus”.

Nota:16

Puebla, 1134: “A Conferência de Puebla volta a assumir, com renovada esperança na força vivificadora do Espírito, a posição da II Conferência Geral que fez uma clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres, não obstante os desvios e interpretações com que alguns desvirtuaram o espírito de Medellín, e o

desconhecimento e até mesmo a hostilidade de outros. Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação”.

Nota:17

Puebla, 1158: “Esta conversão traz consigo a exigência de um estilo de vida austero e uma total confiança no Senhor, já que na sua ação evangelizadora a Igreja contará mais com o ser e poder de Deus e de sua graça do que com o “ter mais” e o poder secular. Assim, apresentará uma imagem autenticamente pobre, aberta a Deus e ao irmão, sempre disponível, onde os pobres têm capacidade real de participação e são reconhecidos pelo valor que têm”.

Nota:18

Puebla, 1153: “A opção preferencial pelos pobres tem como objetivo o anúncio de Cristo Salvador, que os iluminará sobre a sua dignidade, os ajudará em seus esforços de libertação de todas as suas carências e os levará à comunhão com o Pai e os irmãos, mediante a vivência da pobreza evangélica. Jesus Cristo veio para compartilhar nossa condição humana com seus sofrimentos, suas dificuldades, sua morte. Antes de transformar a existência cotidiana, ele soube falar ao coração dos pobres, libertá-los do pecado. abrir seus olhos para um horizonte de luz e enchê-los de alegria e esperança. Hoje, Jesus Cristo faz o mesmo. Está presente em vossas Igrejas, em vossas famílias, em vossos corações (João Paulo II, Alocução Operários Monterrey, 8 - AAS LXXI, p. 244)”.

Nota:19

Puebla, 1145: “Ao aproximar-nos do pobre para acompanhá-lo e servi-lo, fazemos o que Cristo nos ensinou, quando se fez irmão nosso, pobre como nós. Por isso o *serviço dos pobres* é medida privilegiada, embora não exclusiva, de nosso seguimento de Cristo. O melhor serviço do irmão é a evangelização que o dispõe a realizar-se como filho de Deus, o liberta das injustiças e o promove integralmente”.

Nota:20

cf. **Puebla, 327:** “O amor de Deus que nos dignifica radicalmente se faz necessariamente comunhão de amor com os outros homens e participação fraterna; para nós, hoje em dia, deve tornar-se sobretudo obra de justiça para com os oprimidos, esforço de libertação para quem mais precisa. De fato, ninguém pode amar a Deus a quem não vê, se não ama o irmão a quem vê (I Jo 4,20). Todavia a comunhão e a participação verdadeiras só podem existir nesta vida projetadas no plano bem concreto das realidades temporais, de tal modo que o domínio, o uso e a transformação dos bens da terra, dos bens da cultura, da ciência e da técnica se vão realizando em um justo e fraterno domínio do homem sobre o mundo, tendo-se em conta o respeito da ecologia. O Evangelho nos deve ensinar, em face das realidades em que vivemos imersos, que não se pode atualmente na AL amar de verdade o irmão nem portanto a *Deus* sem que o homem se comprometa em nível pessoal e, em muitos casos, até em nível estrutural com o serviço e promoção dos grupos humanos e dos estratos sociais mais pobres e humilhados, arcando com todas as conseqüências que se seguem no plano destas realidades temporais”.

Nota:21

Puebla, 1162: “Apoiamos as aspirações dos operários e camponeses que querem ser tratados como homens livres e responsáveis, chamados a participar nas decisões que concernem à sua vida e futuro e animamos todos em sua própria superação”.

Nota:22

cf. **Puebla, 1159-1163:** “1159. Comprometidos com os pobres, condenamos como antievangélica a pobreza extrema que afeta numerosíssimos setores em nosso Continente.

1160. Envidamos esforços para conhecer e denunciar os mecanismos geradores dessa pobreza.

1161. Reconhecemos a solidariedade de outras Igrejas unimos os nossos esforços aos dos homens de boa vontade para desarraigar a pobreza e criar um mundo mais justo e fraterno.

1162. Apoiamos as aspirações dos operários e camponeses que querem ser tratados como homens livres e responsáveis, chamados a participar nas decisões que concernem à sua vida e futuro e animamos todos em sua própria superação.

1163. defendemos o seu direito fundamental de “criar livremente organizações de defesa e promoção dos seus interesses e para contribuir responsabilmente para o bem comum” (João Paulo II, Alocução Operários Monterrey, 3 - AAS, LXXI, p. 242)”.

Nota:23

Puebla, 1156: “A exigência evangélica da pobreza, como solidariedade com o pobre e como rejeição da situação em que vive a maioria do Continente, liberta o pobre de ser individualista em sua vida e ser atraído e seduzido pelos falsos ideais duma sociedade de consumo. Da mesma forma, o testemunho duma Igreja pobre pode evangelizar os ricos, que têm o coração apegado às riquezas, convertendo-os e libertando-os desta escravidão e de seu egoísmo”.

Nota:24

Puebla, 503: “A igualdade de todos os cidadãos com o direito e o dever de participar no destino da sociedade, com as mesmas oportunidades, dando sua contribuição para os ônus equitativamente distribuídos e obedecendo às leis legitimamente estabelecidas”.

Nota:25

Puebla, 504: “O exercício de suas liberdades, amparadas em instituição que garantam o bem comum, no respeito aos direitos das pessoas e associações”.

Nota:26

Puebla, 505: “A legítima autodeterminação de nossos povos que lhes permita organizar-se segundo seu próprio gênio e a marcha de sua história e cooperar numa nova ordem internacional”.

Nota:27

Puebla, 482: “Surgem dois elementos complementares e inseparáveis: a libertação de todas as servidões do pecado pessoal e social, de tudo o que transvia o homem e a sociedade e tem sua fonte no egoísmo, no mistério da iniquidade, e a libertação para o crescimento progressivo no ser, pela comunhão com Deus e com os homens, que culmina na perfeita comunhão do céu, onde Deus é tudo em todos e não haverá mais lágrimas”.

Nota:28

Puebla, 483: “É uma libertação que se vai realizando na história, a libertação de nossos povos e a nossa própria pessoal e abrange as diversas dimensões da existência: o social, o político, o econômico, o cultural e o conjunto de suas relações. Em tudo isso há de circular a riqueza transformadora do Evangelho, com sua contribuição própria e específica, que se deve salvaguardar. Do contrário, como adverte Paulo VI: A Igreja perderia seu sentido mais profundo; sua mensagem não teria nenhuma originalidade e facilmente poderia ser monopolizada e manipulada por sistemas ideológicos e por partidos políticos (EN 32)”.

Nota:29

Puebla, 482: “Surtem dois elementos complementares e inseparáveis: a libertação de todas as servidões do pecado pessoal e social, de tudo o que transvia o homem e a sociedade e tem sua fonte no egoísmo, no mistério da iniquidade, e a libertação para o crescimento progressivo no ser, pela comunhão com Deus e com os homens, que culmina na perfeita comunhão do céu, onde Deus é tudo em todos e não haverá mais lágrimas”.

Nota:30

Puebla, 1097: “A evangelização goza duma universalidade sem fronteiras: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). A Igreja, depositária da Boa Nova e evangelizadora, começa evangelizando-se a si mesma. Este mandato do Senhor, do qual são depositários todos os cristãos, é motivo para um esforço comum, impulsionado pelo Espírito Santo, para dar testemunho de nossa esperança “diante de todos os povos”. Face à responsabilidade da evangelização, a Igreja Católica abre-se para um diálogo de comunhão, procurando áreas de participação para o anúncio universal da salvação”.

Nota:31

EN 58: “O Sínodo ocupou-se largamente destas “pequenas comunidades” ou “comunidades de base”, dado que, na Igreja de hoje, elas são freqüentemente mencionadas. O que vêm a ser tais “comunidades” e por que é que elas não de ser destinatárias especiais da evangelização e ao mesmo tempo evangelizadoras?”

Florescentes mais ou menos por toda parte na Igreja, atendo-nos ao que sobre isso se disse em vários testemunhos ouvidos durante as sessões do último Sínodo, essas comunidades diferem bastante entre si, mesmo dentro da mesma região, e, mais ainda, de umas regiões para outras.

Assim, em algumas regiões, elas brotam e desenvolvem-se, salvo algumas exceções, no interior da Igreja, e são solidárias com a vida da mesma Igreja, alimentadas por sua doutrina, e conservam-se unidas aos seus pastores. Nesses casos, elas nascem da necessidade de viver mais intensamente a vida da Igreja; ou então do desejo e da busca de uma dimensão mais humana do que aquela que as comunidades eclesiais mais amplas dificilmente poderão revestir, sobretudo nas grandes metrópoles urbanas contemporâneas, onde é mais favorecida a vida de massa e o anonimato ao mesmo tempo. Elas poderão muito simplesmente prolongar, a seu modo, no plano espiritual e religioso - culto, aprofundamento da fé, caridade fraterna, oração, comunhão com os Pastores - a pequena comunidade sociológica, a aldeia, ou outras similares. Ou então elas procurarão se congregar para ouvir e meditar a Palavra, para os sacramentos e para o vínculo do ágape, alguns grupos que a idade, a cultura, o estado civil ou a situação social tornam mais ou menos homogêneos, por exemplo casais, jovens, profissionais e outros; ou ainda, pessoas que as circunstâncias fazem com que vivam já reunidas nas lutas pela justiça, pela ajuda aos irmãos pobres, pela promoção humana etc. Ou, finalmente, elas reúnem os cristãos naqueles lugares em que a escassez de sacerdotes não favorece a vida ordinária de uma comunidade paroquial. Tudo isso, porém, é possível no interior de comunidades constituídas da Igreja, sobretudo das Igrejas particulares e das paróquias.

Em outras regiões, ao contrário, agrupam-se comunidades de base com um espírito de crítica acerba em relação à Igreja, que elas estigmatizam muito facilmente como “institucional” e à qual elas se contrapõem como comunidades carismáticas, libertas de estruturas e inspiradas somente no Evangelho. Estas têm, portanto, como sua característica uma evidente atitude de censura e de rejeição em relação às expressões da Igreja, como a sua hierarquia e os seus sinais. Elas contestam radicalmente esta Igreja. Nesta linha, a sua inspiração principal bem depressa se torna ideológica e é raro que elas não sejam muito em breve a presa de uma opção política, de uma corrente e, depois, de um sistema, ou talvez mesmo de um partido, com todos os riscos que isso acarreta de se tornarem instrumentos dos mesmos.

A diferença já é notável: as comunidades que pelo seu espírito de contestação se separam da Igreja, cuja unidade prejudicam, podem muito bem denominar-se “comunidades de base”, mas em tais casos há nesta terminologia uma designação puramente sociológica. Elas não poderiam, sem se dar um abuso de linguagem, intitular-se comunidades eclesiais de base, mesmo que elas, sendo hostis à hierarquia, porventura tivessem a pretensão de perseverar na unidade da Igreja. Essa designação pertence às outras, ou seja, àquelas que se reúnem em Igreja, para se unir à Igreja e para fazer aumentar a Igreja.

Estas últimas comunidades, sim, serão um lugar de evangelização, para benefício das comunidades mais amplas, especialmente das Igrejas particulares, e serão uma esperança para a Igreja universal, como nós tivemos ocasião de dizer ao terminar o Sínodo, na medida em que elas:

- Procurem o seu alimento na Palavra de Deus e não se deixem enredar pela polarização política ou pelas ideologias que estejam na moda, prestes a explorar o seu imenso potencial humano;
- Evitem a tentação sempre ameaçadora da contestação sistemática e do espírito hiper-crítico, sob pretexto de autenticidade e de espírito de colaboração;
- Permaneçam firmemente ligadas à Igreja local em que se inserem, e à Igreja universal, evitando assim o perigo - por demais real! - de se isolarem em si mesmas, e depois de se crerem a única autêntica Igreja de Cristo e, por consequência, perigo de anatematizarem as outras comunidades eclesiais;
- Mantenham uma comunhão sincera com os Pastores que o Senhor dá à sua Igreja, e também com o Magistério que o Espírito de Cristo lhes confiou;
- Jamais se considerem como o destinatário único ou como o único agente da evangelização - ou por outra, como o único depositário do Evangelho! -; mas, conscientes de que a Igreja é muito mais vasta e diversificada, aceitem que esta Igreja se encarna de outras maneiras, que não só através delas;
- Progridam cada dia na consciência do dever missionário e no zelo, na aplicação e irradiação neste aspecto;
- Demonstrem-se em tudo universalistas e nunca sectárias.

Com estas condições, exigentes sem dúvida alguma, mas exaltantes, as comunidades eclesiais de base corresponderão à sua vocação mais fundamental: de ouvintes do Evangelho que lhes é anunciado e de

destinatárias privilegiadas da evangelização, elas próprias se tornarão sem demora anunciadoras do Evangelho”.

Nota:32

cf. **Puebla, 629**: “Está comprovado que as pequenas comunidades, sobretudo as comunidades eclesiais de base criam maior inter-relacionamento pessoal, aceitação da Palavra de Deus, revisão de vida e reflexão sobre a realidade, à luz do Evangelho; nelas acentua-se o compromisso com a família, com o trabalho, o bairro e a comunidade local. Destacamos com alegria, como fato eclesial relevante e caracteristicamente nosso e como esperança da Igreja (EN 58), a multiplicação das pequenas comunidades. Esta expressão eclesial nota-se mais na periferia das grandes cidades e no campo. Constituem elas ambiente propício para o surgimento de novos serviços leigos. Nelas se tem difundido muito a catequese familiar e a educação dos adultos na fé, de forma mais adequada ao povo simples”.

Nota:33

cf. **Puebla, 503**: “A igualdade de todos os cidadãos com o direito e o dever de participar no destino da sociedade, com as mesmas oportunidades, dando sua contribuição para os ônus equitativamente distribuídos e obedecendo às leis legitimamente estabelecidas”.

Nota:34

Puebla, 1308: “É necessário criar no homem latino-americano uma sã consciência social, um sentido evangélico crítico face à realidade, um espírito comunitário e um compromisso social. Tudo isto tornará possível uma participação livre e responsável, em comunhão fraterna e dialogante, para a construção da nova sociedade, verdadeiramente humana, penetrada de valores evangélicos. Ela deve ser modelada em comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo e dar resposta aos sofrimentos e aspirações de nossos povos, cheios de uma esperança que não poderá ser iludida”.

Nota:35

cf. **Mt 5,17**: “Não pensem que eu vim abolir a Lei e os Profetas. Não vim abolir, mas para dar-lhes pleno cumprimento”.

Nota:36

Mt 5,3: “Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do céu”.

Nota:37

Puebla, 197: “No centro da história humana fica assim implantado o Reino de Deus, resplandecente na face de Jesus ressuscitado. A justiça de Deus triunfou da injustiça dos homens. Com Adão principiou a história velha. Com Jesus Cristo, o novo Adão, principia a história nova. Esta recebe o impulso indefectível que levará todos os homens, transformados em filhos de Deus pela eficácia do Espírito, a um domínio do mundo cada dia mais perfeito, a uma comunhão entre os irmãos cada dia melhor realizada, à plenitude da comunhão e participação que constituem a própria vida de Deus. Assim proclamamos a Boa Nova da pessoa de Jesus Cristo aos homens da América Latina, chamados a serem homens novos pela novidade do batismo e da vida segundo o Evangelho, para sustentarem seu esforço e revigorarem sua esperança”.

Nota:38

Puebla, 209: “A vida trinitária, de que Jesus Cristo nos faz participantes, somente na glória é que chegará à plenitude. A Igreja, peregrina enquanto instituição humana e terrena, reconhece com humildade seu erros e pecados que obscurecem a face de Deus em seus filhos. Mas está decidida a continuar sua atuação evangelizadora a fim de permanecer fiel à sua missão com a confiança posta na fidelidade de seu fundador e no poder do Espírito”.

Nota:39

Rm 8,29: “Aqueles que Deus antecipadamente conheceu, também os predestinou a serem conformes à imagem do seu Filho, para que este seja o primogênito entre muitos irmãos”.

Nota:40

Puebla, 210: “Jesus Cristo procurou sempre a glória do Pai consumou sua entrega a ele na cruz. Jesus é Primogênito entre muitos irmãos (Rm 8,29). Ir ao Pai: nisto consistiu o caminhar terreno de Jesus Cristo. A partir de então, ir ao Pai é o caminhar terreno da Igreja, povo de irmãos. Somente no encontro com o Pai acharemos a plenitude que seria utópico procurar no tempo. Enquanto a Igreja espera a união consumada com seu esposo divino, o Espírito e a Esposa dizem: vem Senhor Jesus(Ap 22,17-20)”.

Nota:41

Puebla, 270: “O Povo de Deus, como Sacramento universal de salvação, está inteiramente a serviço da comunhão dos homens com Deus e do gênero humano entre si. A Igreja é, portanto, um povo de servidores. Seu modo próprio de servir é evangelizar; é um serviço que só ela pode prestar. Determina sua identidade e a originalidade de sua contribuição. Este serviço evangelizador da Igreja se dirige a todos os homens, sem distinção. Mas nele sempre há de refletir a especial predileção de Jesus pelo mais pobres e sofredores”.

Nota:42

Puebla, 272: “A Igreja evangeliza, em primeiro lugar, mediante o testemunho global de sua vida. Assim, na fidelidade à sua condição de sacramento, trata de ser mais e mais um sinal transparente ou modelo vivo da comunhão de amor em Cristo que anuncia e se esforça por realizar. A pedagogia da encarnação nos ensina que os homens necessitam de modelos preclaros que os guiem. A América Latina necessita igualmente de tais modelos”.

Nota:43

Puebla, 273: “Cada comunidade eclesial deveria esforçar-se por constituir para o Continente um exemplo de modelo de convivência onde consigam unir-se a liberdade e a solidariedade, onde a autoridade se exerça com o espírito do Bom Pastor, onde se viva uma atitude diferente diante da riqueza, onde se ensaiem formas de organização e estruturas de participação, capazes de abrir caminho para um tipo mais humano de sociedade, e, sobretudo, onde inequivocamente se manifeste que, sem uma radical comunhão com Deus em Jesus Cristo, qualquer outra forma de comunhão puramente humana acaba se tornando incapaz de sustentar-se e termina fatalmente voltando-se contra o próprio homem”.

Nota:44

cf. **Puebla, 642-643**: “642. Os cristãos unidos em comunidade eclesial de base, fomentando sua adesão a Cristo, procuram uma vida mais evangélica no seio do povo, colaboram para questionar as raízes egoístas e de

consumismo da sociedade e explicitam a vocação para a comunhão com Deus e com os irmãos, oferecendo um valioso ponto de partida para a construção duma nova sociedade, “a civilização do amor”.

643. As comunidades eclesiais de base são expressão de amor preferencial da Igreja pelo povo simples; nelas se expressa, valoriza e purifica sua religiosidade e se lhe oferece possibilidade concreta de participação na tarefa eclesial e no compromisso de transformar o mundo”.

Nota:45

EN 66: “Toda a Igreja, portanto, é chamada a evangelizar; nela, existem porém, diferentes tarefas evangelizadoras que não de ser desempenhadas. Tal diversidade de serviços na unidade da mesma missão é que constitui a riqueza e a beleza da evangelização. Passamos a recordar, em breves palavras, essas tarefas. Queremos, antes de mais nada, assinalar nas páginas do Evangelho o encarecimento com que o Senhor confia aos apóstolos a função de anunciar a Palavra. Ele próprio os escolheu, formou-os durante os diversos anos de convivência, constituiu-os e deu-lhes o mandato para serem testemunhas e mestres autorizados da mensagem da salvação. E os doze, por sua vez, enviaram os seus sucessores que continuam a pregar a Boa Nova, atendo-se à linha apostólica”.

Nota:46

Puebla, 666: “O estilo de vida de muitos pastores tem crescido em simplicidade e pobreza, no mútuo afeto e compreensão, na aproximação ao povo, na abertura para o diálogo e na corresponsabilidade”.

Nota:47

cf. **Puebla, 259:** “Este ministério foi confiado a Pedro e aos outros apóstolos, cujos sucessores são hoje em dia o Romano Pontífice e os bispos, a quem se unem como colaboradores os presbíteros e diáconos. Os pastores da Igreja não a guiam apenas em nome do Senhor: exercem também a função de mestres da verdade e presidem sacerdotalmente ao culto divino. O dever de obediência do Povo de Deus aos pastores que o conduzem funda-se menos em considerações jurídicas do que no respeito de quem crê que neles o Senhor tem uma presença sacramental. Esta é sua realidade objetiva de fé, independente de toda consideração pessoal”.

Nota:48

EN 73: “Assim, a presença ativa dos leigos nas realidades temporais assume toda a sua importância. No entanto, é preciso não descurar ou não deixar no esquecimento outra dimensão: os leigos podem também sentir-se chamados ou vir a ser chamados para colaborar com os próprios Pastores no serviço da comunidade eclesial, para o crescimento e a vida da mesma, pelo exercício dos ministérios muito diversificados, segundo a graça e os carismas que o Senhor houver por bem depositar neles. Não é sem experimentar intimamente uma grande alegria que nós vemos uma legião de Pastores, religiosos e leigos, apaixonados pela sua missão evangelizadora, a procurarem formas mais adaptadas para anunciar eficazmente o Evangelho; e encorajamos a abertura que, nessa linha e com essa preocupação, a Igreja demonstra ter alcançado nos dias de hoje. Abertura para a reflexão, em primeiro lugar; e depois, abertura para ministérios eclesiais suscetíveis de rejuvenescer e de reforçar o seu próprio dinamismo evangelizador. É certo que, ao lado dos ministérios ordenados, graças aos quais alguns fiéis são colocados na ordem dos Pastores e passam a consagrar-se de maneira particular ao serviço da comunidade, a Igreja reconhece também o lugar de ministérios não-ordenados, e que são aptos para assegurar um especial serviço à mesma Igreja. Um relance sobre as origens da Igreja é muito elucidativo e fará com que se beneficie de uma antiga experiência nesta matéria dos ministérios, experiência que se apresenta válida, dado que ela permitiu à Igreja consolidar-se, crescer e expandir-se. O atender assim às fontes, deve ser completado ainda pela atenção às necessidades atuais da humanidade e da mesma Igreja. Ir beber nestas fontes sempre inspiradoras, e nada sacrificar destes valores, mas saber adaptar-se às exigências e às necessidades atuais, constituem a base sobre a qual há de assentar a busca sábia e o colocar na devida luz os ministérios de que a Igreja precisa e que bom número dos seus membros deverão assumir para uma maior vitalidade da comunidade eclesial. Tais ministérios virão a ter um verdadeiro valor pastoral na medida em que se estabelecerem com um respeito absoluto da unidade e aproveitando-se da orientação dos Pastores, que são precisamente os responsáveis e os artífices da mesma unidade da Igreja. Tais ministérios, novos na aparência, mas muito ligados a experiências vividas pela Igreja ao longo da sua existência - por exemplo, os de catequistas, de animadores da oração e do canto, de cristãos devotados ao serviço da Palavra de Deus ou à assistência aos irmãos em necessidade, ou ainda os de líderes de pequenas comunidades, de responsáveis por movimentos apostólicos, ou outros animadores - são preciosos para a implantação, para a vida e para o crescimento da Igreja e para a sua capacidade de irradiar a própria mensagem à sua volta e para aqueles que estão distantes. Nós somos devedores também da nossa estima particular a todos os leigos que aceitam consagrar uma parte do seu tempo, das suas energias e, às vezes, mesmo a sua vida toda a serviço das missões. Para todos os agentes da evangelização é necessária uma preparação séria; e é necessária de modo muito particular para aqueles que se dedicam ao ministério da Palavra. Animados pela convicção, incessantemente aprofundada, da nobreza e da riqueza da Palavra de Deus, aqueles que têm a missão de a transmitir devem dedicar a maior atenção à dignidade, à precisão e à adaptação da sua linguagem. Todos sabem que a arte de falar se reveste, hoje, de uma grandíssima importância. E como poderiam então os pregadores e os catequistas descurá-la? Nós auguramos vivamente que, em todas as Igrejas particulares, os Bispos velem pela formação adequada de todos os ministros da Palavra. Essa preparação séria fará aumentar neles a indispensável segurança, como também o entusiasmo para anunciar nos dias de hoje Jesus Cristo”.

Nota:49

LG 29: “Os diáconos constituem o grau inferior da hierarquia. Recebem a imposição das mãos para o serviço, não para o sacerdócio. Confortados pela graça sacramental, em comunhão com o bispo e seu presbitério, prestam serviço ao povo de Deus nos ministérios da liturgia, da palavra e da caridade. O diácono pode, na medida em que determinar a autoridade competente, administrar o batismo solene, guardar e distribuir a eucaristia, assistir ao matrimônio e abençoá-lo em nome da Igreja, levar o viático aos moribundos, ler a Sagrada Escritura para os fiéis, instruir e exortar o povo, dirigir o culto e a oração, administrar os sacramentais e presidir a encomendação dos mortos e o enterro. Ao se dedicarem aos deveres da caridade e da administração, lembrem-se os diáconos da advertência de S. Policarpo: Sejam misericordiosos, prestativos e fiéis à verdade do Senhor, que se fez servidor de todos.

O exercício dessas funções, extremamente importantes para a vida da Igreja, encontra hoje as maiores dificuldades no quadro disciplinar da Igreja latina, em inúmeras regiões. Deve-se pois encarar, num futuro próximo, a introdução do diaconato como grau específico e permanente da hierarquia. As diversas conferências episcopais, com aprovação do papa, decidirão se, onde e como convém, para o bem dos fiéis, a instituição de um diaconato permanente. O papa concorda com que sejam ordenados diáconos homens de uma certa idade, já casados, ou jovens capazes, que ficam obrigados a observar a lei do celibato”.

Nota:50

AG 16: “Cheia de alegria, a Igreja agradece a Deus o dom inestimável da vocação sacerdotal concedido a inúmeros jovens, de populações recentemente convertidas a Cristo. A Igreja está tanto melhor implantada em qualquer comunidade humana quanto os ministros da salvação, bispos, padres, diáconos e irmãos coadjuvantes provêm dessa mesma comunidade e na medida em que a estrutura diocesana vai podendo se desenvolver, com o aumento do clero local.

Observe-se tudo quanto o concílio determinou a respeito da vocação e da formação sacerdotais. nas Igrejas recentemente implantadas ou por implantar. Acima de tudo é importante levar em conta o que concerne à estreita relação existente entre a formação espiritual, doutrinária e pastoral e a vida, inspirada no Evangelho, acima de toda consideração de ordem material ou familiar, favorecendo o desenvolvimento da percepção cada vez mais profunda do mistério da Igreja.

Convençam-se os formandos de que devem consagrar-se inteiramente ao serviço do corpo de Cristo e do Evangelho, unidos aos respectivos bispos, como seus fiéis cooperadores e mantendo um relacionamento fraterno com todos os demais confrades.

É o objetivo a que visa, em última análise, toda a formação, feita à luz do mistério da salvação, tal como está consignado nas Escrituras. Presente na liturgia, o mistério de Cristo e da salvação humana deve também estar presente na vida.

As exigências comuns, pastorais e práticas da formação sacerdotal, de acordo com as determinações do concílio devem se articular com a maneira de pensar e de agir de cada povo. Sejam os alunos preparados para considerar sem preconceitos, conhecer com precisão e julgar criteriosamente a cultura do povo em que atuam. O estudo da filosofia e da teologia deve levar a compreender melhor as relações das tradições e religiões pátrias com a religião cristã.

A formação sacerdotal deve focalizar as necessidades pastorais de cada religião. Deve-se estudar a história, os objetivos e os métodos missionários da Igreja e a situação social, econômica e cultural do povo. Toda formação deve ser feita numa perspectiva ecumênica e os alunos devem ser preparados para o diálogo fraterno com os não-cristãos.

Tudo isso requer que os estudos de preparação para o sacerdócio sejam feitos em cada país, no seio de cada povo. Contudo também não se descure da formação para a administração tanto eclesiástica como econômica.

Que alguns sacerdotes, depois de um certo tirocínio pastoral, sejam escolhidos para continuar os estudos superiores em universidades estrangeiras, principalmente em Roma, ou em outros institutos especializados. Com isso as igrejas recém-implantadas irão se preparando aos poucos para o desempenho das tarefas eclesiásticas mais árduas, podendo contar quanto antes com especialistas devidamente formados.

Onde for oportuno, de acordo com o parecer da conferência episcopal, restaure-se o diaconato como estado permanente de vida, segundo as normas da Constituição Conciliar sobre a Igreja. A exemplo dos apóstolos, convém impor as mãos e ordenar os homens que já exercem um ministério de caráter diaconal: pregam a palavra de Deus, como catequistas ou como dirigentes, em nome do pároco e do bispo, de comunidades disseminadas por regiões mais distantes ou que ainda praticam o ministério da caridade por intermédio de obras sociais e de beneficência. Dessa forma ficarão vinculados mais estreitamente ao altar e poderão usufruir da graça do diaconato, para o exercício mais eficaz de seu ministério”.

Nota:51

Puebla, 698: “A missão e função do diácono não se devem avaliar com critérios meramente pragmáticos. Por estas ou aquelas ações que poderiam ser exercidas por ministros não ordenados ou por qualquer batizado; nem tampouco como solução para a escassez numérica de presbíteros que afeta a América Latina. A conveniência do diácono se depreende da sua contribuição eficaz para melhor cumprimento da missão salvífica da Igreja, graças a uma atenção mais adequada à tarefa evangelizadora”.

Nota:52

Puebla, 813: “Por outro lado, o Espírito Santo está suscitando hoje na Igreja uma diversidade de ministérios, também exercidos por leigos, capazes de rejuvenescer e reforçar o dinamismo evangelizador da Igreja”.

Nota:53

cf. **Puebla, 816:** “b) não se devem promover tais ministérios como estímulo puramente individual, fora dum contexto comunitário”.

Nota:54

cf. **Puebla, 815:** “a) a tendência à clericalização dos leigos ou a de reduzir o compromisso leigo àqueles que recebem ministérios, deixando de lado a missão fundamental do leigo que é a sua inserção nas realidades temporais e em suas responsabilidades familiares”.

Nota:55

cf. **Puebla, 817:** “c) O exercício de ministérios por parte de alguns leigos não pode diminuir a participação ativa dos demais”.

Nota:56

Puebla, 864: “A América Latina, hoje empenhada em superar a sua situação de subdesenvolvimento e injustiça, tentada por ideologias anticristãs e cobiçada por líderes extremistas e focos de poder, precisa de pessoas conscientes de sua dignidade e responsabilidade histórica e cristãos ciosos de sua identidade que, de acordo com seu compromisso, sejam construtores de um “mundo mais justo, humano e habitável, que não se fecha em si mesmo, mas se abre para Deus” (João Paulo II, Homilia S. Domingos, 3, AAS, LXXI, p.157). Cada qual deve fazer isto no posto e função que ocupa e todos em comunhão e participação. É o grande desafio e serviço de evangelização presente e futura do nosso Continente e a grande responsabilidade de nossa pastoral vocacional. Desde já louvamos e apoiamos sem restrição a todos os que trabalham nesta linha com fé, esperança e amor”.

Nota:57

Puebla, 863: "A pastoral vocacional, por ser uma ação evangelizadora e orientada para a evangelização, missão de Igreja, deve ser encarnada e diversificada. Ou seja, deve responder, a partir da fé, aos problemas concretos de cada nação e região e refletir a unidade e variedade de funções e serviços deste corpo diversificado, cuja cabeça é Cristo".

Nota:58

Puebla, 871: "Em todos eles deve ter-se em vista uma constante: que os Jovens não percam o contato com a realidade, nem se desarraiguem do próprio contexto social. Convém notar que todas essas fórmulas são parte integrante da pastoral vocacional juvenil, e por isso devem estar ligadas estreitamente com a família e levar o jovem a um compromisso pastoral adequado à sua idade".

Nota:59

cf. **Puebla, 721:** "A vida consagrada é, por si mesma, evangelizadora, no sentido da comunhão e participação na América Latina".

Nota:60

cf. **Puebla, 770-771:** "770. Estimular os religiosos e religiosas a atingirem, com a sua ação evangelizadora, os ambientes da cultura, da arte, da comunicação social e da promoção humana, a fim de darem a sua contribuição evangélica específica, de acordo com sua vocação e situação peculiar na Igreja.

771. Despertar a disponibilidade dos consagrados para assumirem, dentro da Igreja Particular, os postos de vanguarda evangelizadora em fiel comunhão com seus pastores e com sua comunidade e na fidelidade ao carisma de sua fundação".

Nota:61

cf. **Puebla, 758:** "Orientados pelos ensinamentos das Exortações Apostólicas Evangelii Nuntiandi, Evangelica Testificatio e pelo documento Mutuae Relationes, comprometemo-nos a colaborar com os superiores maiores para realizar as seguintes opções".

Nota:62

cf. **Puebla,752:** "A comunhão fraterna vivida em todas as suas exigências, a que são convocados os consagrados, é o sinal do amor transformador que o Espírito infunde em seus corações, mais forte que os laços da carne e do sangue".

Nota:63

cf. **Puebla, 764:** "Fomentar nas comunidades a fraternidade, favorecendo em seu interior as relações interpessoais que ensejem a integração e conduzam a maior comunhão e melhor colaboração na missão. Estimular a abertura a relações intercongregacionais nas quais, respeitados o pluralismo de carismas particulares e as disposições da Santa Sé, se promova a união".

Nota:64

Puebla, 733-734: "733. A abertura pastoral das obras e a opção preferencial pelos pobres é a tendência mais notável da vida religiosa latino-americana. De fato, os religiosos acham-se cada vez mais em zonas marginais e difíceis, nas missões entre indígenas, num trabalho humilde e silencioso. Esta opção não supõe exclusão de ninguém, mas pelo contrário, uma preferência e aproximação do pobre.

734. Isso tem levado à revisão das obras tradicionais, para melhor responder às exigências da evangelização. Iguamente projetou uma luz mais clara sobre a relação dos religiosos com a pobreza dos marginalizados, que já não supõe somente o desprendimento interior e a austeridade comunitária, mas também solidariedade, partilha e, em certos casos, convivência com o pobre".

Nota:65

cf. **Puebla, 736:** "Verifica-se uma redescoberta e vivência do mistério da Igreja particular; um desejo crescente de participação, contribuindo com a riqueza do próprio carisma vocacional. Isto leva a maior integração na pastoral de conjunto e a maior participação nos organismos e obras diocesanas ou supra diocesanas".

Nota:66

Puebla, 787: "De fato, o leigo se situa por vocação na Igreja e no mundo. Membro da Igreja, fiel a Cristo, acha-se comprometido na construção do Reino em sua dimensão temporal".

Nota:67

Puebla, 789: "Mas é no mundo que o leigo encontra seu campo específico de ação. Pelo testemunho de sua vida, por sua palavra oportuna e sua ação concreta, o leigo tem a responsabilidade de ordenar as realidades temporais para pô-las a serviço da instauração do Reino de Deus".

Nota:68

cf. **Puebla, 791-792:** "791. Entre essas realidades temporais, não se pode deixar de salientar com ênfase especial a atividade política. Esta abarca um vasto campo, desde a ação de votar, passando pela militância e liderança em algum partido político, até o exercício de cargos públicos em diversos níveis.

792. Em todos os casos, o leigo deverá buscar e promover o bem comum, na defesa da dignidade do homem e de seus inalienáveis direitos, na proteção dos mais fracos e necessitados, na construção da paz, da liberdade, da justiça; na criação de estruturas mais justas e fraternas".

Nota:69

cf. **Puebla, 1134:** "A Conferência de Puebla volta a assumir, com renovada esperança na força vivificadora do Espírito, a posição da II Conferência Geral que fez uma clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres, não obstante os desvios e interpretações com que alguns desvirtuaram o espírito de Medellín, e o desconhecimento e até mesmo a hostilidade de outros. Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação".

Nota:70

Puebla, 794: "A medida que cresce a participação dos leigos na vida da Igreja e na missão desta no mundo, torna-se também mais urgente a necessidade de sua sólida formação humana e geral, formação doutrinal social, apostólica. Os leigos têm o direito de recebê-la primordialmente em seus próprios movimentos e associações, mas também em institutos adequados e no contato com seus pastores".

Nota:71

cf. **Puebla, 797-798**: "797. Que o leigo não fuja às realidades temporais para buscar a Deus, e sim persevere, presente e ativo, no meio delas e ali encontre o Senhor;

- infunda nesta presença e atividade uma inspiração de fé e um sentido de caridade cristã;
à luz da fé, descubra nesta realidade a presença do Senhor;

798. Em meio à sua missão, não raro geradora de conflitos e cheia de tensões para sua fé, busque renovar sua identidade cristã no contato com a palavra de Deus, na intimidade com o Senhor pela eucaristia, nos sacramentos e na oração".

Nota:72

cf. **Puebla, 808**: "A participação do laicato requer-se, não só na fase de execução da pastoral de conjunto, mas também na planificação e nos próprios organismos de decisão".

Nota:73

Puebla, 594: "Procura caminhos para que os casais e as famílias possam progredir na sua vocação ao amor e em sua missão de formar pessoas, educar na fé, contribuir para o desenvolvimento. Nos casos tão frequentes de famílias incompletas, devem-se buscar caminhos pastorais para sua devida assistência".

Nota:74

Puebla, 598: "Intimamente relacionado com a pastoral social está:

- * o trabalho em prol da criação de estruturas e ambientes que tornem possível a vida em família;
- * o lazer, providenciando ambientes seguros e construtivos para os filhos e para todos os jovens;
- * a cultura, comunicando valores recebidos da história familiar e da história local;
- * o apostolado, unindo-se em comunidades intimamente relacionadas com a hierarquia e comprometidas com a Igreja particular".

Nota:75

Puebla, 602: "Afirmamos que, em toda pastoral familiar, deverá considerar-se a família como sujeito e agente insubstituível de evangelização e como base da comunhão na sociedade".

Nota:76

cf. **Puebla, 1168**: "Um inconformismo que a tudo questiona; um espírito de aventura que a leva a compromissos e situações radicais; uma capacidade criadora com respostas novas para o mundo em transformação, que aspira a sempre melhorar em sinal de esperança. Sua aspiração pessoal mais espontânea e forte é a liberdade, emancipada de qualquer tutela exterior. É sinal de alegria e felicidade. Muito sensível aos problemas sociais. Exige autenticidade e simplicidade, rejeitando com rebeldia uma sociedade invadida por hipocrisias e contravalores".

Nota:77

cf. **Puebla, 1187**: "Por isso, queremos oferecer uma linha pastoral global: desenvolver, de acordo com a pastoral diferencial e orgânica, uma pastoral de juventude que leve em conta a realidade social dos jovens de nosso continente; atenda ao aprofundamento e crescimento da fé para a comunhão com Deus e os homens; oriente a opção vocacional dos jovens; lhes ofereça elementos para se converterem em fatores de transformação e lhes proporcione canais eficazes para a participação ativa na Igreja e na transformação da sociedade".

Nota:78

Puebla, 127: "A AL continuará mantendo um ritmo acelerado de aumento de população e de concentração nas cidades grandes. Tornar-se-ão mais agudos os problemas que afetam os serviços públicos. A população vai ser majoritariamente jovem e terá dificuldade crescente em encontrar local de trabalho".

Nota:79

Puebla, 441: "A necessidade de traçar critérios e caminhos, baseados na experiência e na imaginação, para uma pastoral da cidade, onde se encontram em gestação os novos modos de cultura bem como o aumento do esforço evangelizador e promotor dos grupos indígenas e afro-americanos".

Nota:80

cf. **Puebla, 173, 647, 655, 702, 712**: "173. Estamos conscientes de nossa insuficiente proclamação do Evangelho e das carências do nosso povo em sua vida de fé. No entanto, herdeiros de quase 500 anos de história evangelizadora e dos esforços realizados principalmente depois de Medellín, vemos com prazer que o abnegado trabalho do clero e das congregações religiosas, o desenvolvimento das instituições católicas e dos movimentos apostólicos dos leigos, dos grupos de jovens e das comunidades eclesiais de base têm produzido, em numerosos setores do povo de Deus, uma aproximação maior ao Evangelho e a busca da face sempre nova de Cristo, que cumula seus legítimos anseios de libertação integral.

647. Responsabilidade do bispo será discernir os carismas e incentivar os ministérios indispensáveis para que a diocese cresça até a maturidade, como comunidade evangelizada e evangelizadora, de tal sorte que seja luz e fermento da sociedade, sacramento da unidade e de libertação integral, apta para o intercâmbio com as demais Igrejas particulares, animada de espírito missionário, que a faça irradiar a riqueza evangélica amalhada em seu interior.

655. A Igreja particular dará maior relevo a seu caráter missionário e à comunhão eclesial, partilhando valores e experiências, bem como favorecendo o intercâmbio de pessoas e bens.

702. Assumir a colegialidade episcopal em todas as suas dimensões e conseqüências, a nível regional e universal.

712. Renove-se a vitalidade missionária dos sacerdotes e sejam eles formados numa atitude de generosa disponibilidade, para que se possa dar uma resposta eficaz à desigual distribuição do clero atualmente existente".

Também a Nota ao n. 6 de AG: "6. Denominam-se habitualmente *missões* a atividade própria desenvolvida por aqueles que percorrem o mundo pregando o Evangelho e implantando a Igreja entre os povos ou grupos humanos que ainda não vivem segundo a fé em Cristo. A atividade missionária no sentido estrito é esse trabalho feito em determinados territórios designados pela santa sé. O objetivo primordial dessa atividade é a evangelização e a implantação da Igreja nos povos e grupos humanos em que ela ainda não tem raízes".

Nota:81

cf. **Puebla, 365 e 366:** “365. Situações permanentes: nossos indígenas, habitualmente marginalizados quanto aos bens da sociedade e, em alguns casos, ou não evangelizados ou evangelizados de forma insuficiente, os afro-americanos tantas vezes esquecidos.

366. Situações novas que nascem de mudanças sócio-culturais e exigem uma outra evangelização: pessoas que emigram para outros países; grandes aglomerações urbanas no próprio país; massas de todos os estratos sociais em precária situação de fé; grupos expostos aos influxos de seitas e ideologias que não lhes respeitam a identidade, que confundem e provocam divisões”.

Nota:82

Puebla, 363, 368, 369: “363. O fundamento desta universalidade é, antes de tudo, o mandato do Senhor: “Ide, pois, fazei discípulos meus todos os povos” (Mt 28,19) e a unidade da família humana, criada por um mesmo Deus que a salva e a assinala com sua graça. Cristo, morto por todos, atrai a todos por sua glorificação no Espírito. Quanto mais convertidos a Cristo, tanto mais somos arrastados por seu anseio universal de salvação. Assim sendo, quanto mais vital é a Igreja particular, tanto mais tornará presente e visível a Igreja universal e mais forte será o seu movimento missionário na direção dos outros povos.

368. Finalmente chegou para a América Latina a hora de intensificar os serviços recíprocos entre as Igrejas particulares e de estas se projetarem para além de suas próprias fronteiras, ad gentes. É certo que nós próprios precisamos de missionários, mas devemos dar de nossa pobreza. Por outro lado nossas Igrejas podem oferecer algo de original e importante; o seu sentido de salvação e libertação, a riqueza de sua religiosidade popular, a experiência das Comunidades Eclesiais de Base, a floração de seus ministérios, sua esperança e a alegria de sua fé. Já se realizaram esforços missionários que se podem aprofundar e se devem ampliar.

369. Não podemos deixar de agradecer a generosa ajuda da Igreja universal e nesta ajuda a das Igrejas irmãs pedindo que continuem a nos acompanhar especialmente na formação de agentes autóctones. Assim nos sentiremos sempre fortalecido para assumir este compromisso universal e teremos maior capacidade de responder ao serviço próprio de nossa Igreja particular”.

Nota:83

Puebla, 368: “Finalmente chegou para a América Latina a hora de intensificar os serviços recíprocos entre as Igrejas particulares e de estas se projetarem para além de suas próprias fronteiras, ad gentes. É certo que nós próprios precisamos de missionários, mas devemos dar de nossa pobreza. Por outro lado nossas Igrejas podem oferecer algo de original e importante; o seu sentido de salvação e libertação, a riqueza de sua religiosidade popular, a experiência das Comunidades Eclesiais de Base, a floração de seus ministérios, sua esperança e a alegria de sua fé. Já se realizaram esforços missionários que se podem aprofundar e se devem ampliar”.

Nota:84

Puebla, 176-177: “176. Devemos apresentar Jesus de Nazaré compartilhando a vida, as esperanças e as angústias do seu povo e mostrar que ele é o Cristo, acreditado, proclamado e celebrado pela Igreja.

177. A Jesus de Nazaré, consciente de sua missão: anunciador e realizador do Reino e fundador de sua Igreja, a qual tem Pedro como alicerce visível; Jesus Cristo vivo, presente e atuante na Igreja e na história”.

Nota:85

Puebla, 998: “A catequese deve levar a um processo de conversão e crescimento permanente e progressivo na fé”.

Nota:86

Puebla, 373: “A Fé do Povo de Deus: É a fé da Igreja universal que se vive e exprime concretamente em suas comunidades particulares. Uma comunidade particular concretiza em si mesma a fé da Igreja universal e deixa de ser comunidade privada e isolada; supera sua própria particularidade na fé da Igreja total”.

Nota:87

Sínodo de Catequese, 11: Puebla, 999: “Em toda a catequese integral, devem-se unir sempre de modo inseparável: o conhecimento da Palavra de Deus, a celebração da fé nos sacramentos, a confissão da fé na vida cotidiana”.

Nota:88

Puebla, 1001: “Tomar como fonte principal a Sagrada Escritura, lida no contexto da vida, à luz da Tradição e do Magistério da Igreja, transmitindo, além disso, o símbolo da fé; portanto, dará importância ao apostolado bíblico, difundindo a Palavra de Deus, formando grupos bíblicos, etc.”.

Nota:89

Puebla, 1011: “Favoreça-se a catequese permanente, desde a infância até a velhice integrando-se entre as comunidades ou instituições que catequizam, a saber, a família, a escola, a paróquia, os movimentos e as diversas comunidades ou grupos”.

Nota:90

cf. **Puebla 307-315:** “307. A América Latina constitui o espaço histórico em que se dá o encontro de três universos culturais: o indígena, o branco e o africano, que foram enriquecidos posteriormente por diversas correntes migratórias. Aí se dá, ao mesmo tempo, uma convergência de maneiras diferentes de ver o mundo, o homem e Deus, e de reagir frente a eles. Forjou-se uma espécie de mestiçagem latino-americana. Embora em seu espírito permaneça uma base de vivências religiosas marcadas pelo Evangelho, emergem também e se misturam cosmovisões alheias à fé cristã. No decorrer do tempo teorias e ideologias introduzem em nosso continente novos enfoques sobre o homem, que parcializam ou deformam aspectos de sua visão integral ou a ela se fecham.

315. A organização técnico-científica de certos países está gerando uma visão cientificista do homem, cuja vocação é a conquista do universo. Nesta visão só se reconhece como verdade o que pode ser demonstrado pela ciência. O próprio homem é reduzido à sua definição científica. Em nome da ciência justifica-se tudo, até o que constitui uma afronta à dignidade humana. Simultaneamente se submetem as comunidades nacionais às decisões de um novo poder, a tecnocracia. Uma espécie de engenharia social pode controlar os espaços de liberdade dos indivíduos e instituições com o risco de reduzi-los a meros elementos de cálculo”.

Nota:91

2Cor 5,17: “Se alguém está em Cristo, é nova criatura. As coisas antigas passaram; eis que uma realidade nova apareceu”.

EN 18: "Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade: Eis que faço novas todas as coisas. No entanto não haverá humanidade nova, se não houver em primeiro lugar homens novos, pela novidade do batismo e da vida segundo o Evangelho. A finalidade da evangelização, portanto, é precisamente esta mudança interior; e se fosse necessário traduzir isso em breves termos o mais exato seria dizer que a Igreja evangeliza quando, unicamente firmada na potência divina da mensagem que proclama, ela procura converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles se aplicam, e a vida e o meio concreto que lhes são próprios".

Puebla, 306, 322, 333, 1308: "306. Por seu lado tem a Igreja o direito e o dever de anunciar a todos os povos a visão cristã da pessoa humana, pois sabe que precisa dela para iluminar a própria identidade e o sentido da vida e porque professa que toda violação da dignidade humana é injúria ao próprio Deus, cuja imagem é o homem. Portanto, a evangelização no presente e no futuro da América Latina exige da Igreja uma palavra clara sobre a dignidade humana. Por meio dela se quer retificar ou integrar tantas visões inadequadas que se propagam em nosso Continente das quais umas atentam contra a identidade e a genuína liberdade, outras impedem a comunhão; outras não promovem a participação com Deus e com os homens.

322. A liberdade implica sempre aquela capacidade que todos temos, em princípio, de dispor de nós mesmos, a fim de irmos construindo uma comunhão e uma participação que não de se plasmar em realidades definitivas, em três planos inseparáveis: a relação do homem com o mundo como senhor, com as pessoas como irmão e com Deus como filho.

333. Em Jesus Cristo descobrimos a imagem do homem novo (Cl 3,10) à qual fomos configurados pelo batismo e pela qual fomos assinalados pela confirmação imagem também daquilo a que todo homem é chamado a ser, fundamento último de sua dignidade. Ao apresentar a Igreja, mostramos como nela tem de se expressar e realizar comunitariamente a dignidade humana. Em Maria, encontramos a figura concreta em que culmina toda libertação e santificação na Igreja. Estas figuras têm que robustecer hoje os esforços dos fiéis latino-americanos em sua luta em prol da dignidade humana.

1308. É necessário criar no homem latino-americano uma sã consciência social, um sentido evangélico crítico face à realidade, um espírito comunitário e um compromisso social. Tudo isto tornará possível uma participação livre e responsável, em comunhão fraterna e dialogante, para a construção da nova sociedade, verdadeiramente humana, penetrada de valores evangélicos. Ela deve ser modelada em comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo e dar resposta aos sofrimentos e aspirações de nossos povos, cheios de uma esperança que não poderá ser iludida".

Nota:92

1Cor 12,9: "a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas".

Nota:93

cf. **Puebla, 1221:** "Temos consciência de que a transformação das estruturas é uma expressão externa da conversão interior. Sabemos que esta conversão começa por nós mesmos. Sem o testemunho duma Igreja convertida, vãs seriam nossas palavras de pastores".

Nota:94

cf. **Puebla, 987:** "A catequese não consegue atingir todos os cristãos em medida suficiente, nem todos os setores e situações como, por exemplo: vastos setores da juventude, das elites intelectuais, dos camponeses e do mundo operário, das forças armadas, dos anciãos e dos enfermos, etc..".

Nota:95

Puebla, 996: "A fidelidade ao homem latino-americano exige da catequese que ela penetre, assuma e purifique os valores de sua cultura. Por conseguinte, que se esmere no uso e adaptação da linguagem catequética".

Nota:96

Puebla, 917: "O Pai, por Cristo e no Espírito, santifica a Igreja e, por ela, o mundo; mundo e Igreja por sua vez, por Cristo e no Espírito, dão gloria ao Pai".

Nota:97

Puebla, 939: "Celebrar a fé, na liturgia, como encontro com Deus e com os irmãos, como festa de comunhão eclesial, como fortalecimento em nosso peregrinar e como compromisso de nossa vida cristã. Dar especial importância à liturgia dominical".

Nota:98

Puebla, 726: "Há certos indícios que exprimem um desejo de interiorização e aprofundamento na vivência da fé ao comprovar que, sem o contato com o Senhor, não se consegue uma evangelização convincente e perseverante".

Nota:99

Puebla, 940: "Revalorizar a força dos sinais e sua teologia. Na liturgia, celebrar a fé com expressões culturais obedecendo a uma sã criatividade. Promover adaptações adequadas particularmente aos grupos étnicos e ao povo simples (grupos populares); atentando, porém, a que a liturgia não seja instrumentalizada para fins alheios à sua natureza, respeitem-se fielmente as normas da Santa Sé e, na celebrações litúrgicas, evitem-se arbitrariedades".

Nota:100

Puebla, 920: "O homem é um ser sacramental; no nível religioso exprime suas relações com Deus num conjunto de sinais e símbolos; Deus, igualmente, os utiliza quando se comunica com os homens. Toda a criação é de certa forma, sacramento de Deus, porque no-lo revela".

Nota:101

Puebla, 926: "Os sinais, importantes em qualquer ação litúrgica, devem ser empregados de maneira viva e digna, com o pressuposto duma catequese adequada. As adaptações previstas na Constituição Sacrosanctum Concilium e nas normas pastorais posteriores são indispensáveis para se conseguir um rito acomodado às nossas necessidades, especialmente às do povo simples, tendo-se em conta suas legítimas expressões culturais".

Doc. Ass. CNBB-1979, 22, 14, 4.

Nota:102

SC 9: “A sagrada liturgia não é a única atividade da Igreja, pois, antes de ter acesso à liturgia é preciso ser conduzido à fé e se converter. *Como invocar se não crêem? Como crer, se não ouvem? Como ouvir, sem pregador? Como haverá pregação sem missão?* (Rm 10, 14-15).

Por isso, a Igreja anuncia a salvação aos que não crêem, para que todos os homens reconheçam a Deus, o verdadeiro, e seu enviado, Jesus Cristo, convertam-se e façam penitência. Já aos que crêem, deve pregar a fé e a penitência, administrar os sacramentos, ensinar a observar tudo que Cristo ordenou, estimular à prática da caridade, da piedade e do apostolado, que mostram que os fiéis não são deste mundo, mas estão aqui como luz do mundo, para glorificar ao Pai diante dos homens”.

Nota:103

Puebla, 934: “A liturgia não esgota toda a atividade da Igreja. Recomendam-se os exercícios piedosos do povo cristão, contanto que sejam conformes às normas e leis da Igreja, derivem, de certa maneira, da liturgia e a ela conduzam. O mistério de Cristo é uno e, em sua riqueza, inclui manifestações e modos diversos de chegar aos homens. Graças a sua rica herança religiosa e em virtude da urgência das circunstâncias de tempo e lugar, as comunidades cristãs tornam-se evangelizadoras ao viverem a oração”.

Nota:104

Puebla, 927: “Nenhuma atividade pastoral pode-se realizar sem referência à liturgia. As celebrações litúrgicas supõem uma iniciação à fé, mediante o anúncio evangelizador, a catequese e a pregação bíblica; esta é a razão de ser dos cursos e encontros pré-sacramentais”.

Nota:105

Puebla, 918: “A liturgia, como ação de Cristo e da Igreja, é o exercício do sacerdócio de Jesus Cristo; é o ápice e a fonte da vida eclesial. É um encontro com Deus e os irmãos; banquete e sacrifício realizado na Eucaristia; festa de comunhão eclesial, na qual o Senhor Jesus por seu mistério pascal assume e liberta o Povo de Deus e, por ele, toda a humanidade, cuja história é convertida em história salvífica, para reconciliar os homens entre si e com Deus. A liturgia é também força em nosso peregrinar, para que se leve a bom termo, mediante o compromisso transformador da vida, a realização plena do Reino, segundo o plano de Deus”.

SC 10: “Mas a liturgia é o cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de que promana sua força. Os trabalhos apostólicos visam a que todos, como filhos de Deus, pela fé e pelo batismo, se reúnam para louvar a Deus na Igreja, participar do sacrifício e da ceia do Senhor. A liturgia também leva os fiéis a serem *unânimes na piedade*, depois de participarem dos *sacramentos pascais*, para que *na vida conservem o que receberam na fé*. A liturgia renova e aprofunda a aliança do Senhor com os homens, na eucaristia, fazendo-os arder no amor de Cristo. Dela, pois, especialmente da eucaristia, como de uma fonte, derrama-se sobre nós a graça e brota com soberana eficácia a santidade em Cristo e a glória de Deus, fim para o qual tudo tende na Igreja”.

Nota:106

SC 19: “Também os fiéis devem participar da liturgia, interior e exteriormente, de acordo com sua idade, condição, gênero de vida e grau de cultura religiosa. Os pastores atuem pacientemente nesse sentido, sabendo que é um dos principais deveres de quem é chamado a dispensar fielmente os mistérios de Deus. Nesse particular, conduzam o seu rebanho não só com palavras, mas também com o exemplo”.

Nota:107

Puebla, 927: “Nenhuma atividade pastoral pode-se realizar sem referência à liturgia. As celebrações litúrgicas supõem uma iniciação à fé, mediante o anúncio evangelizador, a catequese e a pregação bíblica; esta é a razão de ser dos cursos e encontros pré-sacramentais”.

Nota:108

Puebla, 939: “Celebrar a fé, na liturgia, como encontro com Deus e com os irmãos, como festa de comunhão eclesial, como fortalecimento em nosso peregrinar e como compromisso de nossa vida cristã. Dar especial importância à liturgia dominical”.

Doc. Ass. CNBB-1979, 22, 14, 2.

Nota:109

Puebla 465: “Favorecer a mútua fecundação entre liturgia e piedade popular que possa orientar com lucidez e prudência os anseios de oração e vitalidade carismática que hoje se comprovam em nossos países. Por outro lado, a religião do povo, com sua grande riqueza simbólica e expressiva, pode proporcionar à liturgia um dinamismo criador. Este, devidamente discernido, há de servir para encarnar mais e melhor a oração universal da Igreja em nossa cultura”.

Nota:110

UR e Puebla, 896, 1127: “896. Em geral, a renovação litúrgica na América Latina está dando resultados positivos, pelo fato de se estar novamente encontrando a posição real da liturgia na missão evangelizadora da Igreja, pela maior compreensão e participação dos fiéis, favorecidos pelos novos livros litúrgicos e pela difusão da Catequese pré-sacramental.

1127. Finalmente, considerar a dimensão ecumênica, assim como a abertura para o diálogo com o mundo não-cristão e da descrença, como uma perspectiva global do múnus evangelizador, mais do que tarefas setoriais”.

Nota:111

Puebla, 1102: “Encontram-se também aquilo que hoje costuma chamar-se “movimentos religiosos livres” (popularmente “seitas”), alguns dos quais se mantêm nos limites da profissão de fé basicamente; outros, pelo contrário, não podem ser considerados como tais”.

Nota:112

UR 6 e 8: “Toda renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à sua vocação. Ora, o encaminhamento para a unidade se situa, precisamente, dentro deste mesmo movimento.

A Igreja peregrina é chamada por Cristo a uma perene reforma, de que sempre necessita, como toda organização terrena. Tudo pois que, em virtude de circunstâncias diversas, tenha sido menos bem conservado no que diz respeito aos costumes, à disciplina eclesiástica e à formulação da doutrina – que se precisa distinguir claramente do depósito da fé – , há de ser oportuna e devidamente reformado.

Tal renovação tem uma grande importância ecumênica. Os diversos movimentos pelos quais se faz esta renovação da Igreja – movimentos bíblico e litúrgico, novas formas de pregação da palavra de Deus, de

catequese, de apostolado dos leigos e de vida religiosa, a espiritualidade conjugal e a renovação da doutrina e da atividade social da Igreja – são o penhor e a esperança de grandes progressos no ecumenismo.

8. A oração comum - A conversão do coração e a santidade da vida, juntamente com a oração pública pela unidade dos cristãos, devem ser consideradas a alma de todo o movimento ecumênico e podem ser denominadas ecumenismo espiritual.

Os católicos costumam se unir para orar pela unidade da Igreja, repetindo a oração com que o próprio Salvador suplicou ao Pai, na véspera de sua morte: Para que todos sejam um (Jo 17, 21).

Em determinadas circunstâncias, como por ocasião da oração pela unidade e nas reuniões ecumênicas, não só é lícito, como recomendável, que os católicos orem em conjunto com os irmãos separados.

Tais preces são especialmente eficazes na obtenção da graça da unidade e para exprimir a verdadeira significação dos laços que ainda unem os católicos aos irmãos separados: Onde dois ou três se reúnem em meu nome, estarei no meio deles (Mt 18, 20).

No entanto a intercomunhão (*communicatio in sacris*) não deve ser considerada um meio a ser empregado abusivamente para a restauração da unidade entre os cristãos. Ela decorre de dois princípios: significa a unidade da Igreja e a participação nos mesmos meios de salvação. Inexistindo a unidade, a significação da intercomunhão fica prejudicada, embora a busca comum da graça a possa, eventualmente, recomendar.

Concretamente, levando-se em conta todas as circunstâncias de tempo, lugar e pessoas, a autoridade episcopal deve decidir prudencialmente, a não ser que haja uma norma contrária da conferência episcopal, dos próprios estatutos diocesanos ou da santa sé".

Nota:113

Puebla, 1126: "Tomar consciência da realidade e extensão do fenômeno da descrença, com vistas à purificação da fé dos crentes; à coerência entre fé e vida e à colaboração "em verdadeira paz, para a edificação do mundo".

Nota:114

Puebla, 1106: "A não crença" é um fenômeno que designa realidades muito diversas. Manifesta-se pela repulsa explícita do divino forma mais extremada porém, mais amiúde, por deformações da idéia de Deus e da religião, interpretadas como alienantes. Isto se nota bastante nos ambientes intelectuais e universitários; em meios juvenis e operários. Outros equiparam as religiões e as reduzem à esfera da vida privada. Finalmente cresce o número daqueles que se despreocupam do religioso, ao menos na vida prática".

Nota:115

cf. **Mc 10,45:** "Porque o Filho do Homem não veio para ser servido. Ele veio para servir e para dar a sua vida como resgate em favor de muitos".

Nota:116

cf. **Puebla, 304ss e 1254:** "304. Visão cristã do homem, quer à luz da fé, quer à luz da razão, para julgar sua situação na América Latina a fim de se contribuir na construção de uma sociedade mais cristã e, portanto, mais humana.

305. No mistério de Cristo, Deus baixa até ao abismo do ser humano para restaurar por dentro sua dignidade. Oferece-nos assim a fé em Cristo, os critérios fundamentais para se obter uma visão integral do homem que, por sua vez, ilumina e completa a imagem concebida pela filosofia e as contribuições das outras ciências humanas, a respeito do ser do homem e de sua realização histórica.

306. Por seu lado tem a Igreja o direito e o dever de anunciar a todos os povos a visão cristã da pessoa humana, pois sabe que precisa dela para iluminar a própria identidade e o sentido da vida e porque professa que toda violação da dignidade humana é injúria ao próprio Deus, cuja imagem é o homem. Portanto, a evangelização no presente e no futuro da América Latina exige da Igreja uma palavra clara sobre a dignidade humana. Por meio dela se quer retificar ou integrar tantas visões inadequadas que se propagam em nosso Continente das quais umas atentam contra a identidade e a genuína liberdade, outras impedem a comunhão; outras não promovem a participação com Deus e com os homens.

307. A América Latina constitui o espaço histórico em que se dá o encontro de três universos culturais: o indígena, o branco e o africano, que foram enriquecidos posteriormente por diversas correntes migratórias. Aí se dá, ao mesmo tempo, uma convergência de maneiras diferentes de ver o mundo, o homem e Deus, e de reagir frente a eles. Forjou-se uma espécie de mestiçagem latino-americana. Embora em seu espírito permaneça uma base de vivências religiosas marcadas pelo Evangelho, emergem também e se misturam cosmovisões alheias à fé cristã. No decorrer do tempo teorias e ideologias introduzem em nosso continente novos enfoques sobre o homem, que parcializam ou deformam aspectos de sua visão integral ou a ela se fecham.

308. Não se pode desconhecer na AL a erupção da alma religiosa primitiva à qual se prende uma visão da pessoa como prisioneira das formas mágicas de ver o mundo e de atuar sobre ele. O homem não é dono de si, mas vítima de forças ocultas. Nesta visão determinista, não encontra outra atitude senão colaborar com essas forças ou aniquilar-se diante delas. Acresce ainda, às vezes, a crença na reencarnação por parte dos adeptos de várias formas de espiritismo e de religiões orientais. Não poucos cristãos, ignorando a autonomia própria da natureza e da história, continuam crendo que tudo o que acontece é determinado e imposto por Deus.

309. Uma variante desta visão determinista, porém mais de tipo fatalista e social, se apoia na idéia errônea de que os homens não são fundamentalmente iguais. Tal diferença articula nas relações humanas muitas discriminações e marginalizações incompatíveis com a dignidade do homem. Mais do que na teoria, essa falta de respeito à pessoa se manifesta em expressões e atitudes daqueles que se julgam superiores aos outros. Po isso, com frequência domina uma situação de desigualdade em que vivem operários, camponeses índios, empregadas domésticas e tantos outros setores.

310. Restrita até agora a certos setores da sociedade latino-americana, ganha cada vez mais importância a idéia de que a pessoa humana se reduz, em última instância, a seu psiquismo. Na visão psicologista do homem, segundo sua expressão mais radical, a pessoa se apresenta como vítima do instinto fundamental erótico ou com um simples mecanismo de resposta a estímulos, carente de liberdade. Fechada para Deus e para os homens uma vez que a religião, como a cultura e a própria história seriam apenas sublimações do instinto sensual, a negação da própria responsabilidade conduz não poucas vezes ao pansexualismo e justifica o machismo latino-americano.

311. Sob o signo do econômico, podem-se assinalar na América Latina três visões do homem que, embora distintas, têm raiz comum. Das três talvez a menos consciente e, apesar de tudo, a mais generalizada seja a visão consumista. A pessoa humana está como que lançada na engrenagem da máquina da produção industrial; é vista apenas como instrumento de produção e objeto de consumo. Tudo se fabrica e se vende em nome dos valores do ter, do poder e do prazer, como se fossem sinônimos da felicidade humana. Impede-se assim o acesso aos valores espirituais e promove-se, em razão do lucro, uma aparente e mui onerosa “participação” no bem comum.

312. A serviço da sociedade de consumo, mas projetando-se para além da mesma, o liberalismo econômico, de práxis materialista, apresenta-nos uma visão individualista do ser humano. Segundo esta visão, a dignidade da pessoa está na eficácia econômica e na liberdade individual. Encerrada em si própria e com freqüência aferrada ao conceito religioso de salvação individual, cega-se para as exigências da justiça social e coloca-se a serviço do imperialismo internacional do dinheiro, a que se associam muitos governos esquecidos de suas obrigações em relação ao bem comum.

313. Oposto ao liberalismo econômico de forma clássica e em luta permanente contra as suas conseqüências injustas, o marxismo clássico substitui a visão individualista do homem por uma visão coletivista, quase messiânica, do mesmo. A meta existencial do ser humano coloca-se no desenvolvimento das forças materiais de produção. A pessoa não é originariamente sua consciência; é antes constituída por sua existência social. Despojada do arbítrio interno que lhe pode assinalar o caminho da realização pessoal, recebe suas normas de comportamento unicamente daqueles que são responsáveis pela mudança das estruturas sócio-político-econômicas. Desconhece, portanto, os direitos humanos, especialmente o direito à liberdade religiosa, que está na base de todas as liberdades. Desta forma, a dimensão religiosa, cuja origem estaria nos conflitos da infraestrutura econômica, se orienta para uma fraternidade messiânica sem relação com Deus. Materialista e ateu, o humanismo marxista reduz o ser humano, em última instância, às estruturas externas.

314. Menos conhecida, mas atuante na organização de não poucos governos da AL, a visão que poderíamos denominar estatista do homem tem sua base na teoria da Segurança Nacional. Submete o indivíduo ao serviço ilimitado da suposta guerra total contra os conflitos culturais, sociais, políticos e econômicos e através deles, contra a ameaça do comunismo. Ante este perigo permanente, real ou possível, se limitam, como em toda situação de emergência, as liberdades individuais; e a vontade do Estado se confunde com a vontade da Nação. O desenvolvimento econômico e o potencial bélico sobrepõem-se às necessidades das massas abandonadas. Embora necessária a toda a organização política, a Segurança Nacional, vista sob este ângulo, apresenta-se como um absoluto acima das pessoas. **315.** A organização técnico-científica de certos países está gerando uma visão cientificista do homem, cuja vocação é a conquista do universo. Nesta visão só se reconhece como verdade o que pode ser demonstrado pela ciência. O próprio homem é reduzido à sua definição científica. Em nome da ciência justifica-se tudo, até o que constitui uma afronta à dignidade humana. Simultaneamente se submetem as comunidades nacionais às decisões de um novo poder, a tecnocracia. Uma espécie de engenharia social pode controlar os espaços de liberdade dos indivíduos e instituições com o risco de reduzi-los a meros elementos de cálculo.

1254. João Paulo II lembrou-nos que a dignidade humana é um valor evangélico e o Sínodo de 1974 no ensinou que a promoção da justiça é parte integrante da evangelização. Essa dignidade e esta promoção da justiça devem verificar-se tanto na ordem nacional como na internacional.

1255. Ao ocupar-nos da realidade da ordem nacional internacional, fazemo-lo numa atitude de serviço como pastores, e não de um ponto de vista econômico, político ou meramente sociológico.

“A evangelização não seria completa se não levasse em consideração a interpelação recíproca que, decurso dos tempos, se estabelece entre o Evangelho na vida concreta, pessoal e social, do homem. A Igreja aprendeu dessas e de outras páginas do Evangelho (cf. Mc 6,35-44) que sua missão evangelizadora tem como parte indispensável a ação em prol da justiça e as tarefas de promoção do homem (cf. Documento final do Sínodo dos bispos, outubro de 1971) e que entre evangelização e promoção humana há laços muito fortes de ordem antropológica, teológica e de caridade” (cf. EN 31).

1261. A falta de realização da pessoa humana em seus direitos fundamentais tem início antes mesmo do nascimento do homem, pelo incentivo de evitar a concepção e também de interrompê-la por meio do aborto; prossegue com a desnutrição infantil, o abandono prematuro, a carência de assistência médica, de educação e moradia, que propiciam uma desordem constante, na qual não se pode estranhar a proliferação da criminalidade, da prostituição, do alcoolismo e da toxicomania”.

Nota:117

cf. **Puebla, 1206** “A Igreja colabora por meio do anúncio da Boa Nova e mediante uma radical conversão à justiça e ao amor, para transformar, a partir do seu íntimo, as estruturas da sociedade pluralista, para que respeitem e promovam a dignidade da pessoa humana e lhe ensejem a possibilidade de realizar a sua vocação suprema de comunhão com Deus e dos homens entre si (Cf. EN 18,19, 20)”.

Nota:118

cf. **Puebla, 1217, 1229, 1238 1161, 1164:** “1217. A preocupação preferencial em defender e promover os direitos dos pobres, marginalizados e oprimidos.

1229. Formar nos diversos setores pastorais pessoas capazes de exercer nos mesmos liderança como fermento evangelizador.

1238. Aos políticos e homens de governo, lembramos as palavras do Concílio Vaticano II: “Só Deus é a fonte da vossa autoridade e o fundamento das vossas leis” (Vaticano II, Mensagem à Humanidade, n.2, aos governantes) por mediação do povo. Afirmamos a nobreza e dignidade do compromisso com uma atividade orientada para a consolidação da concórdia interna e segurança externa, estimulando a ação sensível e inteligente do político para melhor conduzir o Estado, para conseguir o bem comum e para conciliar eficazmente a liberdade, a justiça e a igualdade, numa genuína sociedade participada. “A comunidade política e a Igreja são independentes e autônomas, cada qual em seu próprio terreno. Todavia ambas, embora por títulos diferentes, acham-se a serviço da vocação pessoal e social do homem. Este serviço, ambas o realizarão com tanto maior eficácia, para o bem de todos, quanto melhor cultivarem uma sadia cooperação entre si, levando em conta as circunstâncias de tempo e lugar.

1161. Reconhecemos a solidariedade de outras Igrejas unimos os nossos esforços aos dos homens de boa vontade para desarraigar a pobreza e criar um mundo mais justo e fraterno.

1164 As culturas indígenas possuem valores indiscutíveis; são a riqueza dos povos. Comprometemo-nos a considerá-las com respeito e simpatia e a promovê-las sabendo “quando é importante a cultura como veículo de transmissão da fé, para que os homens progredam no conhecimento de Deus. Neste ponto, não pode haver distinções de raças e culturas” (João Paulo II. Alocução Oaxaca, 2 - AI LXXI, p. 208)”.
Nota:119

cf. **Puebla, 478:** “Para se conseguir a coerência do testemunho da comunidade cristã no empenho de libertação e de promoção humana, cada país e cada Igreja particular organizará sua pastoral social com meios permanentes e adequados que mantenham e estimulem o compromisso comunitário, garantindo a necessária coordenação de iniciativas, no diálogo constante com todos os membros da Igreja. A “Caritas” e outros organismos que vêm trabalhando com eficácia há muitos anos, podem oferecer um bom serviço”.

Nota:120

cf. **Puebla, 1163:** “Defendemos o seu direito fundamental de “criar livremente organizações de defesa e promoção dos seus interesses e para contribuir responsavelmente para o bem comum” (João Paulo II, Alocução Operários Monterrey, 3 - AAS, LXXI, p. 242)”.

Nota:121

cf. **Puebla, 1031:** “A educação católica pertence à missão evangelizadora da Igreja e deve anunciar explicitamente Cristo Libertador”.

Nota:122

Puebla, 1042: “Promover o educador cristão, especialmente o leigo, para que assuma a sua pertença e posição na Igreja, como chamado a participar da sua missão evangelizadora no campo da educação”.

Nota:123

cf. **Puebla, 1026-1030:** “1026. A educação evangelizadora assume e completa a noção de educação libertadora, porque deve contribuir para a conversão do homem total, não em seu eu profundo e individual, mas também no eu periférico e social, orientando-o radicalmente para a genuína libertação cristã, que torna o homem acessível à plena participação no mistério de Cristo ressuscitado, isto é, à comunhão filial com o Pai e à comunhão fraterna com todos os homens seus irmãos.

1027. a) Humanizar e personalizar o homem, para nele criar o lugar onde possa revelar-se e ser escutada a Boa Nova: o desígnio salvífico do Pai em Cristo e na sua Igreja.

1028. b) Integrar-se no processo social latino-americano, impregnado por uma cultura radicalmente cristã, na qual, entretanto, coexistem valores e contravalores, luzes e sombras e que, por isso, necessita ser constantemente reevangelizada.

1029. c) Exercer a função própria da verdadeira educação, procurando regenerar permanentemente, do ponto de vista da educação, os princípios culturais e as normas de interação social que possibilitem a criação duma nova sociedade, verdadeiramente participante e fraterna, em outras palavras, educação para justiça.

1030. Converter o educando em sujeito, não só seu próprio desenvolvimento, mas também posto a serviço do desenvolvimento da comunidade: educação para o serviço”.

Nota:124

cf. **Puebla, 1047:** “Promover a educação popular (educação informal) para revitalizar a nossa cultura popular, incentivando tentativas que, por meio da imagem e do som, ponham criativamente em destaque os valores e símbolos profundamente cristãos da cultura latino-americana”.

Nota:125

cf. **Puebla, 1064:** “A comunicação, como ato social vital, nasce com o próprio homem e tem sido potencializada na época moderna mediante poderosos recursos tecnológicos. Por conseguinte, a evangelização não pode prescindir, hoje em dia, dos meios de comunicação”.

Nota:126

cf. **Puebla, 1063-1064:** “A evangelização, anúncio do Reino, é comunicação: portanto, a comunicação social deve ser levada em conta em todos os aspectos da transmissão da Boa Nova.

1064. A comunicação, como ato social vital, nasce com o próprio homem e tem sido potencializada na época moderna mediante poderosos recursos tecnológicos. Por conseguinte, a evangelização não pode prescindir, hoje em dia, dos meios de comunicação”.

Nota:127

Puebla, 1083: “Urge que a hierarquia e os agentes pastorais em geral conheçam, compreendam e experimentem mais a fundo o fenômeno da comunicação social, a fim de que se adaptem às respostas pastorais a esta nova realidade e se integre a comunicação na pastoral de conjunto”.

Nota:128

cf. **Puebla, 1085:** “A tarefa de formação no campo da comunicação é uma ação prioritária. Portanto, urge formar neste campo todos os agentes da evangelização”.

Nota:129

cf. **Puebla, 1088:** “Educar o público receptor para que tenha uma atitude crítica perante o impacto das mensagens ideológicas, culturais e publicitárias que nos bombardeiam continuamente, com o fim de neutralizar os efeitos negativos da manipulação e massificação”.

Nota:130

cf. **Puebla, 1091:** “Para maior eficácia na transmissão da mensagem, a Igreja deve lançar mão duma linguagem atualizada, concreta, direta, clara e ao mesmo tempo caprichada. Esta linguagem deve ficar próxima da realidade que o povo enfrenta, de sua mentalidade e religiosidade, de tal sorte que possa ser facilmente captada; para isso, é preciso levar em conta os sistema e recursos da linguagem audiovisual própria do homem hodierno”.

Nota:131

cf. **Puebla, 1094:** “Conhecida a situação de pobreza, marginalização e injustiça em que estão imersas grandes massas latino-americanas e de violação dos direitos humanos, a Igreja, no uso de seus meios próprios, deve ser cada dia mais a voz dos desamparados, apesar dos riscos que isto implica”.